



Loïc Wacquant

CORPO E ALMA

Notas etnográficas de um aprendiz de boxe

RELUME  DUMARÁ

Loïc Wacquant

# Corpo e alma

Notas etnográficas  
de um aprendiz de boxe

TRADUÇÃO  
Angela Ramalho

RELUME  DUMARÁ  
*Rio de Janeiro*  
2002

Título original: Corps et âme – Carnets  
ethnographiques d'un apprenti boxeur  
© 2001 – Éditions Agone, Marseille, France

© Copyright 2002

Copyright da tradução com os  
direitos cedidos para esta edição à  
DUMARÁ DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES LTDA.

www.relumedumara.com.br

Travessa Juraci, 37 – Penha Circular

21020-220 – Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 2564 6869 Fax: (21) 2590 0135

E-mail: relume@relumedumara.com.br

*A Elisabeth, pelos nossos anos juntos em Chicago*

*Revisão*

Claudia Rubim

*Editoração*

Dilmo Milheiros

As fotos deste livro foram tiradas pelo autor, exceto as fotos das páginas:  
149, de Michel Deschamps; 257, de Olivier Hermine; 270 e 289, de Jimmy  
Kitchen; 282, de Mark Chears; 287, de Ivan Ermakoff; 294, de Jim Lerch.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

W119c Wacquant, Loïc J. D.  
Corpo e alma : notas etnográficas de um aprendiz de boxe / Loïc  
Wacquant / tradução Angela Ramalho – Rio de Janeiro : Relume Dumará,  
2002

Tradução de: Corps et âme : carnets ethnographiques d'un apprenti  
boxeur  
ISBN 85-7316-281-3

1. Boxe – Aspectos sociais – Chicago (Estados Unidos). 2. Wacquant,  
Loïc J. D. I. Título. II. Título: Notas enográficas de um aprendiz de boxe.

02-0868

CDD 796.83

CDU 796.83

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por  
qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

# Sumário

|   |     |
|---|-----|
| PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA                                    |     |
| O SABOR E A DOR DA AÇÃO .....                                   | 11  |
| PRÓLOGO .....   | 19  |
| A RUA E O RINGUE .....  | 31  |
| Uma ilha de ordem e de virtude .....                            | 35  |
| Um templo do culto pugilístico .....                            | 50  |
| As promessas do boxe .....                                      | 59  |
| Os jovens que “venceram a rua” .....                            | 60  |
| A lei do <i>gym</i> .....                                       | 76  |
| Uma prática sabiamente selvagem .....                           | 78  |
| O trabalho nos <i>pads</i> .....                                | 83  |
| A iniciação .....   | 90  |
| Lógica social do <i>sparring</i> .....                          | 97  |
| 1. A escolha do parceiro .....                                  | 100 |
| 2. Uma violência controlada .....                               | 102 |
| 3. Um trabalho de percepção, de emoção e físico .....           | 107 |
| Sessão de <i>sparring</i> com Ashante .....                     | 108 |
| Uma pedagogia implícita e coletiva .....                        | 120 |
| O chefe de orquestra .....                                      | 125 |
| Uma aprendizagem visual e mimética .....                        | 138 |
| Administrar seu capital-corpo .....                             | 147 |
| Curtis: “Posso ganhar um milhão de dólares<br>numa noite” ..... | 152 |
| Butch: “Agora não posso deixar cair a peteca” .....             | 155 |
| Algumas figuras da gestão do corpo .....                        | 166 |

|  |     |
|--|-----|
| UMA NOITADA NO STUDIO 104 .....                                    | 179 |
| “Você tem medo que eu me ferre, porque<br>você já se ferrou” ..... | 181 |
| A pesagem no Illinois State Building .....                         | 187 |
| “O boxe é minha vida, minha mulher, meu amor” ...                  | 189 |
| “Você nunca pode subestimar um boxeador” .....                     | 200 |
| Uma tarde de ansiedade .....                                       | 202 |
| O destino macabro dos companheiros de infância ...                 | 206 |
| Bem-vindo ao Studio 104 .....                                      | 211 |
| “São otários” .....  | 215 |
| “Sempre quis ser um artista de palco” .....                        | 218 |
| “Eles estão tremendo de medo” .....                                | 224 |
| Preliminares lastimáveis .....                                     | 224 |
| “Aventureiros, malandros e mergulhadores” .....                    | 226 |
| “Sou como alguém que vende e compra ações<br>na bolsa” .....       | 230 |
| “Eles mesmos se classificam” .....                                 | 236 |
| Strong vence Hannah com nocaute técnico no<br>quarto assalto ..... | 241 |
| Abram alas para as dançarinas exóticas .....                       | 252 |
| “Você derruba mais dois caras, e eu paro de beber” .....           | 259 |
| “BUSY LOUIE” NAS GOLDEN GLOVES .....                               | 271 |

Todo grupo de pessoas – prisioneiros, primitivos, pilotos ou pacientes – desenvolve uma vida própria, que se torna significativa, racional e normal assim que nos aproximamos dele.

ERVING GOFFMAN, *Asylum*, 1961

Dificuldades objetivas. Perigo da observação superficial. Não “acreditar”. Não acreditar que se sabe porque se viu; não fazer qualquer julgamento moral. Não se espantar. Não se deixar levar. Procurar viver na sociedade indígena. Escolher bem os informantes. [...] A objetividade deve ser buscada tanto na exposição como na observação. Dizer o que se sabe, tudo o que se sabe, nada mais do que se sabe.

MARCEL MAUSS, *Manual d’ethnographie*, 1950

o que sinto, quando o punho de Butch vem direto sobre mim? Vejo um disco amarelo que rapidamente aumenta de tamanho, de maneira vertiginosa, borrando inteiramente minha visão e *bum!* Piados, algumas estrelas e a tela clareia de novo. O disco amarelo retira-se, volta a claridade. Mas antes mesmo que eu possa esboçar a menor reação, o disco voador volta subitamente para se espatifar de novo no meu rosto.

Levo uma bela desenferrujada. Butch toca-me a cada golpe – felizmente sem bater forte, senão há muito tempo eu já estaria a nocaute. Tenho a impressão de que estou sangrando e enxugo as narinas com os punhos: há traços de sangue na minha luva, mas ele está seco, portanto, não é meu (ufa!). Esforço-me para me aproximar de Butch e dar-lhe um gancho. Mas é impossível encontrar um lugar para bater: em toda parte, só há luvas amarelas e os braços de músculos rígidos. Ele, em contrapartida, bate em mim do jeito que quer. Separo-me e avanço com temeridade, e tanto pior para os jabs na cara: é preciso que eu também lhe meta pelo menos um jabe. Consigo encadear alguns jabs e, de repente, divina surpresa, acerto uns mil de direita em pleno rosto dele. Instintivamente, tento dizer a Butch, em voz alta: “*Sorry!*” – mas isso é impossível com o protetor bucal. Decididamente, não tenho a mentalidade do boxeador! Sinto-me vagamente culpado de tê-lo acertado em pleno rosto, pois não tinha a menor intenção de machucá-lo. Mas, sobretudo, temo as represálias. De fato, elas vêm depressa e caem por toda parte. Butch roda à minha volta como uma ave de rapina e logo me acerta. Sinto meus punhos partirem um pouco para todo lado, enquanto ele me semeia de jabs curtos. Bruscamente, sinto uma irreprimível vontade de fugir e chego a fazer meia-volta completa, dando as costas para o meu parceiro, para proteger-me dos golpes que chovem. “*Time out!*” A voz da liberdade!

Nem bem DeeDee ululara o fim do *round* e eu já escorregava entre as cordas sem me dar conta de nada: estou va-zi-o! Pulo do ringue para me lançar aos braços de Eddie, que ri sem parar. “Você ainda está vivo? Sobreviveu? Quantos *rounds*?” “Dois. É a primeira vez que luto com *sparring*”. “Tá brincando. A primeira vez? Agora você é um *big boxer*.” Ele gargareja de prazer, enquanto retira minhas luvas e ajuda-me a desenrolar as bandagens das mãos, que estão quentes e úmidas. É superestafante. Não consigo entender de fato como os profissionais fazem para agüen-

tar dez ou doze *rounds*, e ainda mais mandando ver suas porradas. Butch desce do ringue, e eu bato em suas luvas, em sinal de agradecimento. Olivier diz-me que estou com o rosto completamente vermelho. Sinto minhas arcadas e meu nariz queimarem, mas fico agradavelmente surpreso de constatar no espelho que não estou com o rosto tão inchado como imaginara. Resfolego, pingando de suor, até o escritório de DeeDee, que está jubiloso por trás de sua barbicha. “Está bom, Louie, agora vá pular um pouco de corda.” [...]

Fecho a sessão com três séries de corda e duzentas abdominais. Olivier e eu vamos falar de nossa satisfação a DeeDee. “Vocês se viraram bem. Vocês vão se recuperar.” “Eu espero!” É bem mais cansativo do que trabalhar sem parar no saco de areia ou na frente do espelho. Cumprimentamos todo mundo com um grande cerimonial antes de agradecer mais uma vez a Butch, que está trocando de roupa no pequeno vestiário. Apertos de mão calorosos. “Sou eu quem agradece, cara, foi uma boa estréia. Vocês vão aprender, aprender a bater, aprender a se tornar espertos: é tudo uma questão de aprendizagem.”

### Lógica social do *sparring*

Se o boxeador típico passa a maior parte do seu tempo fora do ringue, a se exercitar incansavelmente diante de um espelho e nos sacos de areia para aprimorar sua técnica, ampliar a potência e agudizar a coordenação e a velocidade de execução, e mesmo fora da academia, percorrendo quilômetros de *roadwork* que mantêm sua resistência, a marca e a medida de todo treinamento é o exercício com *sparring*. O exercício de “assalto” – fala-se também em “calçar as luvas” ou de “atuar” – esforça-se por reproduzir as condições do combate, embora, nessas condições, usem-se um capacete e luvas acolchoadas, e, como iremos ver, a brutalidade do confronto seja fortemente atenuada. Sem prática regular no ringue, em situação, o resto da preparação não teria de fato muito sentido, porque a mistura de qualidades que o combate exige só pode ser avaliada entre as cordas. Muitos boxeadores que “parecem valer um milhão de dólares no chão”, nos exercícios de solo, revelam-se bem menos brilhantes, quando confrontados com um adversário. Como explica DeeDee, “treinar nos aparelhos é

uma coisa – correr, bater no saco de areia, o *shadow-boxing*, tudo isso é uma coisa, e o *sparring* é outra coisa cem por cento diferente. Porque você utiliza seus músculos de maneira diferente, então, é preciso fazer o treino com *sparring* para se colocar em forma para o *sparring*. Eêê, a menos que você seja um diabo de boxeador, que seja *relax*... [...] É preciso que você fique relaxado, *cool*, a respiração fica diferente, tudo é diferente. Está tudo aí. Isso vem com a experiência.” “Será que podemos dizer a um pugilista como ele deve ficar relaxado e como respirar nos exercícios de solo?” “*Hell no!* Não. Uhuh, você não pode dizer a ele. Pode até dizer o que você quiser, mas não funciona.”

O *sparring*, que tem seu próprio tempo (exceto quando está chegando a hora de uma luta, só se “joga” com *sparring* em intervalos amplos, para minimizar a usura do corpo),<sup>(29)</sup> é simultaneamente uma recompensa e uma prova. É, antes de mais nada, a recompensa por uma semana de duro e obscuro labor – é no sábado que a maioria dos boxistas amadores do Woodlawn Boys Club confronta-se nas cordas. Os treinadores da academia são vigilantes quanto à condição de seus pupilos e não hesitam em banir dos assaltos aqueles que desdenham a preparação: “Little Anthony, hoje ele não vai calçar as luvas, DeeDee”, urra Eddie, numa tarde de agosto. “Ele não faz a corrida, ele não tem combustível [*he got no gas*], não tem energia, é uma sujeira deixar ele subir [no ringue]. Seria uma vergonha.”

O *sparring* é, em segundo lugar, um teste de força, de coragem e de malícia perpetuamente renovado e sempre temível, nem que

<sup>(29)</sup> Aí, mais uma vez, é preciso observar as variações marcantes segundo a academia e os indivíduos: alguns pugilistas preferem “jogar” regularmente, mesmo quando eles não têm lutas em vista, seja para estarem prontos quando se apresentar uma ocasião de última hora, seja porque eles gostam particularmente do combate. Outros clubes de Chicago, mantidos por treinadores menos meticulosos (ou menos competentes), concedem mais liberdade a seus membros. O *gym* municipal de Fuller Park, por exemplo, é notório por sua liberalidade no assunto: segundo vários boxeadores que treinaram lá antes de vir para o Woodlawn Boys Club e de acordo com as observações que lá fiz, as sessões de *sparring* em que parceiros de nível muito desigual lutam com violência, sem qualquer freio, talvez sem supervisão, eram moeda corrente.



Curtis  
dispara  
um jabe  
raivoso em  
Ashante.

seja porque não pode ser descartada a eventualidade de uma contusão séria, apesar de todas as precauções tomadas. Dois boxeadores tiveram os narizes quebrados enquanto “jogavam” *sparring* durante o ano que se seguiu à minha entrada no clube. Em julho de 1989, duas sessões particularmente rudes com três dias de intervalo – uma com Smithie, um peso meio-pesado que me tirou sangue do rosto (com o horror culpado de DeeDee, que se ausentou por um momento para ir buscar uma sopa no Daley’s), e outra com Anthony “Ice” Ivory, um peso médio de jabe seco e nervoso que eu não conseguia evitar –, valeram-me experimentar a mesma sorte. Alguns pugilistas tornam-se “*punchy*” (quer dizer, desenvolvem a síndrome do “boxista abobado”), não por causa das punições sofridas durante os combates oficiais, mas sob o efeito cumulativo dos golpes absorvidos na academia durante os treinos com *sparring*. Os cortes no rosto são raros, porque usa-se um capacete protetor previsto para esse efeito (e não para amortecer a força dos choques), mas os olhos roxos, as bochechas tumefactas, os lábios inchados, os sangramentos de nariz, as mãos e as costas contundidas são o prêmio comum daqueles que calçam com frequência as luvas. Sem falar no fato de que, cada vez que sobe no ringue, mesmo que seja para se “desenferrujar” [*to shake out*] com um iniciante, todo boxeador põe em jogo uma parte de seu capital simbólico: a menor das falhas, como um *knock-down* ou um desempenho medíocre, provoca um embaraço imediato, para ele

mesmo e para seus companheiros de academia, que se apressarão a colaborar com ele no *corrective face-work* necessário para restabelecer a hierarquia abalada do *gym*.<sup>54</sup> Para fazer isso, os pugilistas dispõem de uma ampla gama de desculpas socialmente válidas, que vão desde problemas de doença (“Estou com uma gripe, *man*, ela está me derrubando”) até contusões imaginárias (uma falange quebrada, uma omoplata luxada), passando pelo alibi mais comumente alegado, particularmente pelos treinadores, uma violação da sacrossanta regra da abstinência sexual durante a fase de preparação próxima a um combate.<sup>55</sup>

Embora ele ocupe, em termos quantitativos, somente uma parte mínima do tempo do pugilista, o *sparring* merece ser examinado, porque ele demonstra o caráter altamente codificado da violência pugilística. Mas, além disso, como se situa a meio caminho entre o exercício “individual” e o combate, ele permite que se veja melhor, como através de uma lente de aumento, a sutil mistura, em aparência contraditória, de instinto e de racionalidade, de emoção e de cálculo, de abandono individual e de controle coletivo, que é a pedra de toque do trabalho de fabricação do pugilista e que marca o conjunto dos exercícios de treinamento, até o mais anódino deles.

### 1. A ESCOLHA DO PARCEIRO

Tudo, no *sparring*, começa com a escolha do parceiro, que, sendo crucial, deve receber necessariamente o aval de DeeDee. O emparelhamento de opostos deve, de fato, ser ajustado para que os dois boxeadores aproveitem igualmente o exercício e para que haja poucos riscos de contusão. Considerações de honra reforçam essas razões técnicas: idealmente, não se faz *sparring* com um adversário muito mais forte do que você, sob a pena de ter de se administrar uma “bela cagada” [*a good ass-whuppin*], nem com um muito fraco, para poder treinar a defesa. As flutuações do efetivo, as divergências de horários e de calendário de competição, no entanto, fazem com que nem sempre se tenha a sorte de encontrar um parceiro regular que convenha ao triplo plano da técnica, da força e do estilo. É necessário, por conseguinte, esforçar-se para manter as boas relações, no *gym*, com o seu ou os seus parceiros, administrar as suscetibilidades dele, respeitando um

certo equilíbrio na luta (um pugilista que se deixa surrar muitas vezes diante de seus pares irá se recusar a continuar boxeando com quem lhe impõe tal humilhação), e estar pronto para “devolver” uma sessão de *sparring* àquele que o ajudou em alguma ocasião. Em resumo, o parceiro de *sparring* faz parte do capital social específico do pugilista. Por isso, pedir que um boxista “calce as luvas” com você é sempre delicado: é interferir na rede de obrigações recíprocas que ligam você a seus parceiros presentes e passados; é melhor não fazer isso, quando se acha que a resposta será negativa.

Na falta de parceiros adequados, cai-se na pior das possibilidades, isto é, lutar com boxistas de menor valor ou com iniciantes. No entanto, deve-se sempre manter um equilíbrio relativo, sob a pena de haver desvantagem deliberada para um dos protagonistas. No caso de um emparelhamento muito assimétrico, o pugilista mais aguerrido põe-se tacitamente a aparar os golpes e a trabalhar seu jogo de pernas e suas esquivas, enquanto o mais fraco concentra-se no ataque e nos socos.<sup>(30)</sup> Quando um dos dois é um noviço, é essencial escolher um “iniciador” que controle perfeitamente seus golpes e suas emoções. Se DeeDee esperou cerca de oito semanas antes de me deixar subir para combater no ringue, foi não apenas porque era preciso que eu adquirisse os rudimentos técnicos, mas sobretudo para encontrar um parceiro ideal para mim: “Precisa que seja alguém que se controle. Não quero que qualquer um faça de *sparring* pra você e te arrebe em nocaut, Louie. Precisa que ele saiba se controlar”. Alguns boxeadores têm um estilo ou uma mentalidade que tornam difícil o “jogo” com eles, porque não sabem se adaptar a seu parceiro.

Como eu conversasse sobre tática com Curtis, DeeDee pensou que eu queria treinar *sparring* com ele. Ele chamou-me do chão

<sup>(30)</sup> Se um dos boxeadores, muito superior em peso ou em técnica, se esquece de se controlar e impõe um castigo ao parceiro de *sparring*, é certo que ele será repreendido com veemência por DeeDee. O peso meio-pesado Smithie foi assim vigorosamente admoestado por ter continuado a lutar comigo depois de ter aberto o meu nariz e me coberto de sangue durante uma sessão especialmente dura (ainda mais porque ele já havia posto meu amigo Olivier em nocaut, na semana anterior).



com insistência e advertiu-me: “Nada de *sparring* com Curtis, entendeu bem, Louie? Nem que seja para se divertir no ringue! [...]” “Por quê?” “[Aborrecido com a minha ignorância fingida: já era a centésima vez que ele me lembrava dessa proibição.] “Porque ele não tem um milímetro de juízo no ringue, é por isso. Ele não tem bom senso, e você sabe disso muito bem, Louie. Ele te poria a nocaute logo, logo.” [Nota de 6 de março de 1989.]

Sentados na sala dos fundos, observamos Mark, que trabalha no saco de bater. Ele fez progressos incríveis, e seus gestos são tecnicamente muito bons; suas seqüências funcionam, ele tem o jeito de um verdadeiro profissional. Pergunto se posso “jogar” com ele. DeeDee responde com uma negativa: “Ele bate muito seco. Ele é muito potente. Olha pro corpo dele, pras pernas. Ele só tem 57 quilos, mas não tem pernas, olha só como elas são finas. É por isso que ele é leve, mesmo com esse tamanho de tórax que tem. Ele é mais potente que todos os outros caras desse *gym*. Potente de verdade.” [Nota de 17 de abril de 1989.]

## 2. UMA VIOLÊNCIA CONTROLADA

Assim como não é com qualquer um que faz *sparring*, também não se faz *sparring* de qualquer modo. A violência das trocas entre as cordas depende, de um lado, da relação de forças entre os parceiros (e ela é tão mais limitada quanto mais desigual for) e, de outro, dos objetivos perseguidos durante a sessão de *sparring* considerada, isto é, principalmente pela sua posição na bolsa de treinamento e de competições. Quando se aproximam os encontros, as sessões tornam-se mais freqüentes e mais longas (até oito ou dez *rounds* cotidianos durante a última semana, antes do descanso dos três últimos dias, para não “gastar a luta na academia”), o engajamento nelas é mais intenso, e os novíços são momentaneamente mantidos afastados do ringue. Na véspera de uma luta importante, o *sparring* pode se tornar mais brutal que o próprio encontro. Quando estava se preparando para seu combate contra Gerry Cooney, o campeão do mundo de peso pesado, Larry Holmes ofereceu um prêmio de dez mil dólares para aquele dos seus parceiros de *sparring* que conseguisse fazer com que ele tocasse o joelho na lona, como forma de estimulá-los a bater sem escrúpulos.<sup>56</sup> No entanto, como em todo campo de treinamento

bem dirigido, esses parceiros foram devidamente selecionados, de modo a dar uma clara vantagem a Holmes em suas trocas, para preservar suas forças e reforçar sua confiança em si mesmo.

Durante uma mesma sessão com *sparring*, o nível de violência flutua de maneira cíclica, segundo uma dialética do desafio e da resposta, entre limites variáveis balizados pelo sentido de equidade que funda o acordo original entre os dois boxeadores – que não é nem uma norma nem um contrato, mas sim o que Goffman chama de um “*working consensus*”.<sup>57</sup> Se um dos dois acelera a cadência e “afrouxa” seus golpes, o outro responde “instintivamente” endurecendo de imediato sua réplica; segue-se um brusco sobressalto de violência que pode subir até o ponto em que os parceiros batem um no outro sem parar, antes de se separarem e retomarem, de comum acordo (muitas vezes, marcado por um sinal de cabeça ou um tapa nos punhos), seu diálogo pugilístico em um grau mais baixo.<sup>(31)</sup> A tarefa do técnico consiste em ouvir essa “conversa a golpes de punho”, de modo a garantir que o combatente menos aguerrido não seja brutalmente reduzido ao silêncio, quando então ele dará ordens ao oponente para diminuir a pressão (“Você gira e dá um jabe, Ashante, já disse pra você não ‘carregar’ nos golpes! E você, Louie, mantenha essa mão esquerda pra cima, caramba!”), ou que os dois parceiros não deixem a intensidade da troca de golpes diminuir muito em relação à da luta, sem o que o exercício perderia seu objetivo próprio (“Que é que vocês estão fazendo aí em cima, os dois, *estão transando ou o quê?* Vamos, trabalhem seus diretos, quero ver belas direitas na saída dos golpes”).

Volto para a arena e pergunto a DeeDee, que está terminando de tomar uma sopa pré-cozida de massa num pote plástico, confortavelmente sentado em sua poltrona: “DeeDee, sábado, se eu pudesse, gostaria muito de calçar as luvas. Talvez eu possa jogar com Ashante?” “Não sei, não, Louie, não sei, porque os meninos

(31) Aqui seria necessário analisar, em uma perspectiva inspirada em Goffman, os “ritos de interação” específicos do *sparring*, que servem para reafirmar periodicamente o caráter comedido e lúdico da violência que ele põe em cena, para solenizar o respeito mútuo dos combatentes e para traçar os limites flutuantes de seus embates.

estão se preparando pra reunião da semana que vem, então eles não precisam se divertir agora: eles precisam lutar, e duro”. E bate com a mão esquerda espalmada sobre o pulso direito. [Nota de 1º de dezembro de 1988.]

De pé, no escritório, DeeDee, Eddie e eu olhamos Hutchinson-a-torre-de-controle (mais de 2,10 metros e 150 quilos, categoria superpeso pesado), que está fazendo *sparring* com Butch. Este é um belo espécime, mas parece uma libélula superexcitada quando comparado com o corpo plácido e inatingível do gigante. Hutchinson desloca-se lentamente e mantém a guarda alta, com os punhos colocados diante dele, longe do corpo. Butch faz um esforço tremendo para atingi-lo, de tanto que o outro se distancia. Pensamos que ele pode vir a se chocar com o adversário. DeeDee preveniu Hutchinson para controlar seus golpes, por causa da diferença de tamanho e de peso em relação ao parceiro do momento. “Disse pra ele não bater forte. Se ele bater, sou eu que vou sair daqui e moer ele de pancada com o taco de beisebol. Ele é grande demais. Cuidado com ele!” Isso tudo é dito com um tom vivo e vigilante. Ao final dos três *rounds*, Butch sai bastante castigado (e, no entanto, parece que o outro mal tocou nele): seus lábios estão tumefactos, o rosto, vermelho, e ele está sem fôlego. Mas sequer uma palavra de queixa. [Nota de 11 de novembro de 1988.]

O princípio de reciprocidade, que rege de maneira tácita o ajuste da violência no ringue, reza que o mais forte não deve tirar vantagem de sua superioridade, mas também que o mais fraco não deve se aproveitar indevidamente da contenção voluntária de seu parceiro, como descobri durante uma vigorosa sessão de *sparring* com Ashante. No dia 29 de junho de 1989, fiquei surpreso ao saber que este último tinha se queixado a DeeDee de que eu batia muito e que ele era obrigado a replicar, metendo-me bons socos na cara: “Ele me disse que não pode mais jogar com você, que você bate muito forte. Agora você já fez muitos progressos, é preciso que ele tenha cuidado pra não deixar que você toque nele, senão você pode derrubar ele. Se você bater no lugar certo, pode botar ele na lona. Ele estava fazendo queixa que você não recua e não pára de bater quando ele está nas cordas, você continua a bater pesado. Você pegou ele [*nailed him*] com uma direita, se

você tivesse disparado logo outra direita, ele teria ido à lona. Vê só, quando você começou, ele podia jogar com você sem risco, mas agora você ficou brigão [*tough*], ele precisa tomar cuidado.” Fiquei de tal modo surpreso que fiz ele confirmar que era mesmo a meu respeito que Ashante estava falando. “Ééé, ele quer que eu diga pra você segurar os golpes, porque você pode machucar ele [*hurt him*] agora. [...] Agora você sabe bater. É por isso que ele é obrigado a te dar uma pancada de vez em quando. Não que ele queira te machucar, mas ele precisa mostrar que não está brincando [*he mean business*], e ele precisa devolver os golpes pra que você se controle um pouco mais.”

O treinador evidentemente desempenha um papel importante na regulamentação dessa violência mútua consentida. Se os pugilistas de Woodlawn controlam com tanta atenção os seus golpes, é porque DeeDee incisivamente não tolera “pancadaria” em sua arte. Mas também cada fase do *sparring* exige um nível apropriado de intensidade além do qual é inútil (e perigoso) ir e abaixo do qual é melhor não ficar, sob pena de o exercício perder todos os seus benefícios. Esse nível ótimo não pode ser determinado antes de se subir ao ringue; ele varia de acordo com os parceiros e as circunstâncias (cansaço, motivação, proximidade de uma luta etc.). Cabe aos pugilistas fixá-lo ao término de uma espécie de pesquisa de tentativas de acertos e erros – tanto no sentido próprio como no figurado –, que é realizada em comum, com a ajuda de DeeDee. Sempre atento ao que se passa no ringue, o treinador logo adverte asperamente o pugilista que se permite o uso imoderado do soco ou exorta o outro boxeador a ser mais agressivo. Ele não hesita diante da necessidade de mandar que o parceiro de um boxista indolente passe para uma velocidade superior, como quando ele grita, de sua poltrona, para Little John, que luta com Curtis: “John, pelo amor de Deus, faz com que ele mantenha a esquerda no ar quando ele ‘jabeia’, meta uma bela direita nele [*stick him with a good right*], porque ele não quer boxear e está mantendo os punhos nos joelhos. Ah! Se eu pudesse subir no ringue...”

Assim, aquilo que, aos olhos do neófito, tem todas as chances de passar por uma orgia selvagem de brutalidade gratuita e sem limite, é, de fato, um plano regular e minuciosamente codificado

de trocas que, por serem violentas, nem por isso deixam de ser constantemente controladas, e cuja realização supõe uma colaboração prática e constante entre os dois oponentes, na construção e na manutenção de um equilíbrio conflituoso dinâmico. Os boxeadores devidamente formados deleitam-se com o duelo incessantemente renovado que é o *sparring*, mas eles sabem que esse confronto é, a cada momento, limitado por “cláusulas não-contratuais” e que ele se distingue claramente do combate, mesmo que dele se aproxime pelo fato de envolver sempre um elemento de “cooperação antagônica”<sup>58</sup> explicitamente banido de uma luta. Curtis exprime do seguinte modo essa distinção:

Não tem nada que eu não goste [no *sparring*]. Gosto de todos os aspectos, porque ao mesmo tempo você está aprendendo. No *gym*, você não está lá treinando pra ganhar uma luta, você está lá pra *aprender*. Tudo é aprendizado. Você repete o que você quer fazer depois, durante o combate seguinte, sacou? [...] não posso “derrubar” meu adversário... [corrigindo-se] quer dizer, meus *parceiros de sparring*. Eles estão ali pra me ajudar, a *mim*, como eu estou lá pra ajudar a *elas*. Eles não vão subir no ringue pra tentar me machucar. [...] Bom, mas mesmo assim, de vez em quando, você tem o seu golpinho pra esquentar [*your little flashy stuff*], em que ele vai bater duro, você vai aparar com um belo golpe, e você vai tentar responder e pagar com a mesma moeda...

Vários pugilistas exigem uma longa fase de ajustamento, antes de se dobrar ante essas normas tácitas de cooperação que parecem violar o princípio e o *ethos* públicos da competição desenfreada. Como no caso do ciclismo,<sup>59</sup> essa “ordem cooperativa informal” é particularmente problemática para os novatos, que, confundindo a fachada com o edifício, são incapazes de “dosar” sua agressividade e permanecem persuadidos de que devem bater com toda força para demonstrar seu valor, como fica indicado por DeeDee, nesta nota do dia 23 de novembro de 1989: “Esse novato, ele acha que pode desancar todo mundo: ‘Vou dar uma surra nesse cara aí, vou dar um chute na bunda dele, espera só eu subir no ringue!’, e ele quer o tempo todo brigar com qualquer um. Vamos ter problemas com ele. Não sei o que faço, porque não podemos deixar ele jogar *sparring* com esse tipo de atitude.” Seria

preciso ensinar-lhe *in actu* como “ler” as indicações discretas pelas quais seu parceiro lhe é prescrito, fosse para ele recuar e pisar no freio, fosse, ao contrário, para aumentar a pressão e fazê-lo trabalhar mais.

### 3. UM TRABALHO DE PERCEPÇÃO, DE EMOÇÃO E FÍSICO

Figura híbrida entre o treinamento – que ele prolonga e acelera – e a luta – da qual ele é o prelúdio e o esboço –, o *sparring* termina por operar uma reeducação completa do corpo e do espírito, durante a qual se coloca progressivamente em operação o que Michel Foucault chama de uma “estrutura plurissensorial”<sup>60</sup> totalmente específica, que só pode se articular e se determinar em ação. A experiência no ringue multiplica a capacidade de percepção e de concentração, a força de estrangular as emoções, e que molda e endurece o corpo, em vista dos choques da competição. Em primeiro lugar, o *sparring* é uma educação dos sentidos e, sobretudo, das faculdades visuais; o estado de urgência permanente que o define suscita uma reorganização progressiva dos hábitos e das capacidades perceptivas.

Para perceber isso, basta acompanhar a transformação que se opera na estrutura e na extensão do campo visual à medida que se progride no *gradus* do *sparring*. Durante todas as primeiras sessões, minha visão ficou parcialmente obstruída por minhas próprias luvas, saturada pelos sinais que afluíam de todas as partes, sem ordem nem significação. Os conselhos que DeeDee gritava-me e a sensação de estar aprisionado dentro da coquilha protetora e do capacete, sem falar da angústia surda, mas onipresente, diante da perspectiva de levar socos, contribuíam para exacerbar essa impressão de confusão. Experimentei, então, a maior dificuldade para fixar meu olhar sobre o meu adversário e para ver seus punhos vindo em minha direção, assim como ignorava os indícios que supostamente poderiam me ajudar a antecipar os seus golpes. Ao longo das sessões, meu campo visual clareou, ampliou-se e reorganizou-se: consegui bloquear as solicitações externas e discernir melhor as evoluções de quem estava diante de mim, como se minhas faculdades visuais aumentassem à proporção que meu corpo se moldava no *sparring*. E, sobretudo, adquirei pouco a pouco o “golpe de vista” específico que me permite

adivinhar os ataques de meu adversário, lendo os primeiros sinais em seus olhos, na direção de seus ombros ou nos movimentos de suas mãos e de seus cotovelos.

#### SESSÃO DE SPARRING COM ASHANTE

No dia 3 de junho de 1989, aqueci-me fazendo alguns movimentos na frente do espelho. Meu corpo estava fantasiado de boxeador, e já não tinha, como antes, a sensação de estar aprisionado em um equipamento que me atrapalhava. Escalei os degraus e passei entre as cordas... Agora, o *sparring* tornara-se uma rotina. Salto no mesmo lugar, na frente de Ashante. Ele está vestido com uma bermuda colante preta e verde, uma malha negra de lutador e com seu capacete pessoal amarelo-cheguei. Está brilhante de suor depois dos quatro *rounds* que acaba de lutar com Rodney. [...] Tínhamos alguns segundos para nos observarmos mutuamente e fiquei surpreso comigo mesmo, quando me peguei perguntando o que estava fazendo nesse ringue diante desse carinha rechonchudo e tihoso, que talvez se torne campeão de peso meio-médio de Illinois no fim do mês!

“*Time!*” Ao trabalho! Nossas luvas tocam-se. Avanço sobre ele de imediato e mando-lhe jabs rápidos, que ele desvia. Ele me pára, dizendo: “Se você vai me caçar, mantenha as mãos altas ou eu vou mandar você pra lona [*deck you*]”. Obrigado pelo conselho, o qual eu sigo, levantando minha guarda. Retomo minha marcha avante. Estou bem determinado a bater mais forte do que de hábito, correndo o risco de que Ashante também bata mais forte. É exatamente isso que acontece. Observamos um ao outro. Tento encontrar a distância. Alguns jabs e algumas direitas bloqueados de parte a parte. Toco o corpo dele com um jabe, antes que ele caia em cima de mim com uma combinação de esquerda-direita-gancho de esquerda. *Bum!* Na cara! Ele recua e contra-ataca em seguida. Em vez de me inclinar, espero-o com o pé firme, tentando aparar seus golpes. Ele dispara um direto de esquerda em plena boca. Penduro-me nele e surpreendo-o graças ao meu bote favorito: finta de jabe e largo cruzado de direita no rosto, quando ele se desloca para a sua esquerda, para se esquivar. *Pum!* Meu punho bate nele bem no rosto! Ele me faz “ok” com a cabeça. Está surpreso, porque boxeo tão arduosamente, e acelera a cadência. Avança sobre mim, com a boca deformada pelo *mouthpiece*, os olhos exorbitando de con-

tração. Recuo e disparo jabs para tentar me proteger. Ele simula um direto de esquerda e manda-me uma direita seca em pleno flanco: sinto o golpe e bato em retirada. (Sorrisos por um instante pensando no que ele tinha feito às minhas costelas na semana anterior). Cerco-o até um canto, jabe, direita, jabe, e surpreendo-o com um belo *uppercut* de direita, quando ele se abaixa para evitar o jabe. No entanto, ele bloqueia com muita eficiência a maior parte dos meus golpes: eu vejo a abertura muito bem, mas até que meu punho chegue, ele já fechou a passagem ou já se deslocou com uma rotação do tronco. (Pode-se dizer que é quase um balé, de tanto que Ashante antecipa bem onde meus punhos vão chegar.) Ele passa bruscamente para uma velocidade maior e trabalha a minha cabeça com curtos diretos que eu nem consigo ver chegar. O lado esquerdo de meu queixo pica-me como abelhas. Sinto um pouco o golpe e decido (na verdade, não decido nada, é uma fórmula! Tudo acontece muito rapidamente, reage-se instintivamente, eu realizo, é só) avançar sobre ele, mas ele logo me pára com vários jabs no corpo. “*Time out!*”, ressoa a voz de DeeDee.

Separamo-nos, vou para o meu canto e recupero o fôlego. Não estou muito cansado, mas esse é só o primeiro *round*. Big Earl aconselha-me: “Mantenha ele a distância com jabs: jabe, jabe, não deixa ele cair sobre a sua guarda. Como [Sugar Ray] Leonard. Você quer água?” Ele sobe na mesa, dirige o caninho da água para minha boca e solta uma esguichada de água morna que eu engulo (o que um verdadeiro boxeador nunca faz). Vamos, recomeçar.

“*Time in!*” Segundo *round*, os dois atacamos logo de cara, sem nem ao menos tocar as luvas em um sinal amistoso. Ashante boxeia mais rapidamente. Batalho para seguir sua cadência, mas reajo melhor e protejo-me com mais eficácia do que da outra vez. Ele começa a bater de verdade: três ganchos nos flancos que passam pela minha guarda como se ela fosse manteiga e cortam minha respiração. Tchouff! Esse pegou mal. Eu contra-ataco com alguns jabs, mas ele evita-os, deslocando a cabeça exatamente o necessário para que meu punho não a atinja. Ele paralisa-me diversas vezes e me enche de ganchos precisos e pesados. Chego a perder o prumo em alguns de seus ataques e fico totalmente desguarnecido. Felizmente, ele poupa-me e interrompe a chuva de golpes, contentando-se em mostrar-me que eu estou com a

guarda completamente aberta. Então lanço-me em um ataque malsucedido, porque já não estou controlando bem minha coordenação. Ashante recebe-me com uma combinação de direita-esquerda-direita em pleno rosto que me deixa o nariz roxo; sinto meu lábio inferior inchar. Respondo de imediato, mas o máximo que consigo é roçar em seu corpo com uma direita seguida por um gancho em pleno rosto. Ele tenta sempre suas esquivas para baixo, e eu pego-o com dois ganchos no capacete. Uau! Isso faz com que ele reaja imediatamente. Ele persegue-me no ringue, andando em minha direção bem de frente para mostrar que vai bater e que está achando graça da minha defesa. E faz uma finta com os dois punhos, um de cada vez, até que eu fique desguarnecido e *bum!* Um amplo gancho de esquerda faz minha cabeça sacudir para trás. Sinto o golpe e faço para ele um sinal de “ok, tudo bem”. Estamos os dois face a face, um tanto surpresos com tamanha raiva. Jabes meus bloqueados pelos seus punhos contra jabes dele bloqueados por meu nariz. Estou vendo melhor quando os golpes vêm, mas não consigo me mexer rapidamente o bastante. Mais uma vez, ele me atinge no rosto com uma direita que desloca meu capacete. DeeDee grita: “Mexe a cabeça, Louie!” Ela começa a esquentar de um modo ruim. Ashante metralha meu tronco, antes de cortar meu fôlego com um malvado *uppercut* de direita no peito (em algum momento, eu irei me lembrar disso). Eu ainda o agarro. Ele enche-me de golpes dados de perto, nas costelas e até nas costas, como se estivessemos em um combate de verdade (acho que é a primeira vez que ele faz isso). “*Time out!*”

Mais uma vez, apertamos os punhos, para reafirmar o caráter controlado da troca. “Está bem, Louie, você está se virando legal, está batendo duro hoje, continue assim.” “Éééé, o único problema é saber se vou conseguir agüentar mais um outro *round* com esse ritmo”. Estou cansado demais pelos golpes e pela cadência, que é muito rápida para mim. A duras penas, recobro o fôlego, apoiando-me às cordas.

“*Time in! Work!*” No terceiro *round*, tudo acontece tão rápido, e não são poucos os golpes que recebo. [...] O nível de violência aumenta pouco a pouco, mas de modo recíproco e gradual – isto é, perto do final, quando simplesmente não tenho mais forças ao menos para manter minha guarda e para responder, nem que seja minimamente, aos golpes, ele finge que está boxeando,

mas só me toca superficialmente, ao passo que se ele continuasse a boxear tão forte como no começo do *round*, teria me mandado à lona. Ainda agarro-me a ele, mas já não tenho forças para responder. Meu santo, isso deveria ter acabado! Como demora! Não paro de dizer para mim mesmo “*Time out! Time out!*” Vamos, DeeDee! Mas, puta merda, ainda não, ele nos esqueceu ou o quê? Já devem ter se passado uns bons cinco minutos! “*Time out!*” Ufa!

Ashante cai em cima de mim e me aperta em seus braços, dando tapinhas na minha nuca com suas luvas. Uau! Como é bom trocar socos entre colegas! Ele ri e está com uma cara feliz. “Como é que você está, como está se sentindo?” Vou tirar meus apetrechos no escritório. Pela primeira vez, DeeDee cumprimenta-me: “Você melhorou, hoje você estava com tudo, Louie. Mas precisa que você se esquive quando ele lança a direita. Ou você bloqueia ela ou mexe mais com a cabeça. Você ainda está apanhando muito”. Ele não deixa que eu me sente sobre a mesa. Minha respiração acalma-se progressivamente. [...] Quando volto do vestiário, o velho treinador me fala baixinho, lançando um olhar de entendimento para Kitchen: “Mas não vimos teu nariz sangrar, Louie. Será que ele sangrou?” [...]

Fiquei de tal modo extenuado com essa sessão de *sparring* que estou incapacitado para copiar minhas notas, até amanhã. Tenho o queixo dolorido e todo o meu rosto está sensível (como se ele estivesse tumefacto por dentro), o lábio inferior inchado e uma tremenda mancha roxa sob o olho esquerdo. Mas foram, sobretudo, os golpes no corpo que me exaustaram. Os *uppercuts* nas costelas me deixaram uma grande marca que insensivelmente passará do vermelho ao preto e ao amarelo em uma dezena de dias. Esta noite, enquanto, moído, estou batendo essas linhas, tenho as mãos inchadas, a testa e a ponta do nariz quentes (como se todo o meu rosto vibrasse como um ventrículo) e algumas contusões no corpo me apunhalam a cada movimento. É o ofício que pesa.

Mas o *sparring* não é somente exercício físico; ele é também o suporte de uma forma particularmente intensiva de “trabalho emocional”.<sup>61</sup> Como há “poucas falhas no controle de si mesmo [que sejam] tão pronta e severamente punidas quanto uma quebra de humor durante um combate de boxe”,<sup>62</sup> é vital dominar a



“Fat” Joe e  
Smithie  
trabalhando  
no ringue.

todo instante os impulsos de sua afetividade. Uma vez entre as cordas, é preciso ser capaz de gerenciar suas emoções; saber, de acordo com o momento, contê-las e reprimi-las, ou, ao contrário, alimentá-las e ampliá-las; amordaçar certos sentimentos (de cólera, de irritação, de frustração), de modo a resistir aos golpes, às provocações e aos insultos de seu adversário; e “fazer livre ape-lo” a outras (agressividade e raiva, por exemplo), sem por isso perder o controle delas.<sup>(32)</sup> Quando calçam as luvas no salão, os boxistas aprendem a se tornar “*business-like*” no ringue, a canalizar suas energias mentais e afetivas, de forma a “fazer seu serviço” da maneira mais eficiente e menos dolorosa possível.

Um boxeador deve exercer, em todos os momentos, não apenas uma vigilância interior de seus sentimentos, mas também um “controle expressivo” constante sobre sua “sinalização” exterior,<sup>63</sup>

<sup>(32)</sup> Pode-se demonstrar que essa “educação emocional” não pára no pugilista; ela engloba o conjunto de agentes especializados do campo (treinadores, empresários, árbitros, juizes, patrocinadores etc.) e chega mesmo a atingir o público.

de modo a não deixar seu adversário ver quando seus golpes partem e quais são esses golpes. O legendário gerente-empresário Cus D’Amato, inventor de Mike Tyson, resume o problema da seguinte maneira: “O boxeador domina suas emoções à medida que é capaz de escondê-las e controlá-las. O medo é um trunfo para um combatente. Ele o faz se mexer mais velozmente, faz ele ficar mais rápido e mais alerta. Os heróis e os medrosos sentem exatamente o mesmo medo. Simplesmente os heróis reagem a ele de um modo diferente.”<sup>64</sup> Essa diferença não tem nada de inata: trata-se de uma capacidade adquirida, coletivamente produzida pela submissão prolongada do corpo à disciplina do *sparring*. Explicações de Butch.

BUTCH: Você tem que se controlar o tempo todo, porque tuas emoções vão gastar todo teu oxigênio, então, precisa ficar calmo [ele sopra] e relaxado, mesmo que você saiba que o camarada na tua frente está a ponto de tentar te arrancar a cabeça. Você tem que ficar calmo e relaxado. Assim você tem que enfrentar a situação.

LOUIE: Foi muito duro aprender a controlar as emoções, como não ficar furioso ou não ficar frustrado quando o camarada é difícil de se bater e quando você não consegue nem tocar ele com seus golpes limpos?

BUTCH: Foi difícil pra mim. Eu passei anos e anos e anos para pegar a coisa, e *exaatamente* quando eu estava chegando no ponto em que eu estava me controlando de verdade, bom, então aí as coisas começaram realmente a rolar para mim. A coisa funciona, bom, eu acho que, quando chega a hora, ela pinta.

LOUIE: Foi alguma coisa que DeeDee ensinou pra você?

BUTCH: Ele me falava o tempo todo pra ficar calmo, pra ficar relaxado. “Contente-se em respirar devagar.” Mas eu achava isso difícil, ficar calmo e relaxado quando [em um tom meio divertido] você tem esse carinho no outro canto, e ele está a ponto de tentar te derrubar! Mas com o tempo a coisa acaba por baixar [*sink in*], e eu compreendi o que ele queria dizer.

De fato, a imbricação mútua entre gesto, experiência consciente e processo fisiológico – as três componentes da emoção, segundo Gerth e Mills –<sup>65</sup> é tal que a mudança de uma desencadeia

a modificação instantânea das outras duas. Não conseguir dominar a experiência sensorial dos golpes que caem sobre você amputa a capacidade de agir e altera, em contrapartida, o estado corporal. De modo recíproco, estar no auge da forma física permite estar mentalmente pronto e, portanto, com um melhor domínio das emoções desencadeadas pelo fluxo de golpes.

Enfim, o aspecto físico do *sparring* não deve ser negligenciado sob o pretexto de que ele é dado: não se pode esquecer de que “o boxe consiste mais em receber golpes do que em dá-los. Boxear é sofrer”.<sup>66</sup> No idioleto pugilístico abundam, aliás, as expressões que designam e glorificam a capacidade de absorver os golpes e de suportar a dor. Ora, além de sua reserva somática de partida, como um “maxilar de aço” ou essa qualidade reverenciada que eles chamam de “o coração” (que tem um lugar central também na cultura masculina da rua), só há uma forma de se endurecer diante do mal, de habituar o organismo a encaixar os golpes, que é exatamente encaixá-los com regularidade. Porque, contrariamente a uma idéia amplamente difundida, os boxeadores não têm qualquer especial afeição pela dor e não apreciam as brigas. Um jovem peso meio-médio ítalo-americano do Windy City Gym, que acaba de se tornar profissional, fica indignado quando menciona o estereótipo profano do boxeador “somasoquista”:<sup>(33)</sup> “Não, *somos humanos, merda! Somos humanos*, tá entendendo, somos como qualquer pessoa, nossos sentimentos são a mesma coisa, a mesma coisa que os teus sentimentos, você que é... Você pode nos afastar, sei lá [com veemência], *mas não somos diferentes de você*. Estamos no mesmo mundo, somos feitos da mesma carne, do mesmo sangue, do mesmo tudo, sei lá.” Contudo, os boxeadores elevaram bastante seu limite de tolerância à dor, submetendo-se a ela de maneira medida e rotineira.

<sup>(33)</sup> Encontra-se esse estereótipo em inúmeros trabalhos universitários, como a tese histórica sobre a evolução esportiva, de Allen Gutman, *From ritual to record: the nature of modern sports*,<sup>67</sup> ou com afinidade universitária, como a enciclopédia de lugares-comuns acadêmicos e jornalísticos, com muitas deformações relativas ao boxe, compiladas em artigos de jornais e revistas esportivas por André Rauch, *Boxe, violence du XXème siècle* – obra que compreende, além do mais, um plágio grosseiro de meu artigo de 1989, que serviu de base para este livro.<sup>68</sup>

Essa aprendizagem da indiferença à dor é inseparável da aquisição da forma de sangue-frio própria ao pugilismo. A socialização adequada do pugilista supõe uma habituação aos golpes, cujo inverso é a capacidade de domesticar o primeiro reflexo de autoproteção que produz uma falha na coordenação dos movimentos e que dá vantagem ao adversário. Mais do que a força dos golpes do adversário, é essa aquisição progressiva da “resistência à emoção”, como diz Mauss,<sup>69</sup> da qual é muito difícil saber se vem do registro da vontade ou se é de ordem fisiológica, que toma conta dos noviços durante suas primeiras sessões de *sparring*. Porque, além da atenção superaguda que o duelo no ringue exige, é preciso combater a todo instante seu primeiro reflexo de dobrar-se, cabe proibir o corpo de desobedecer, voltando-se de frente para o oponente, separando-se, fugindo de seus punhos em um “salve-se quem puder” generalizado.

Em 23 de março de 1989, caí sobre Ashante, que estava enfiando as luvas diante da mesa de abdominais. Brincalhão, ele me atirou: “Hei, Louie, como é que você está se sentindo? Suas costelas estão boas? [Referindo-se às minhas costelas, que ele havia esmurrado durante a nossa última sessão de *sparring* e que me haviam impedido de treinar durante vários dias.]” “Estou indo, você não me quebrou as costelas, só machucou-as [bruised]”. Ele sorri e aperta minhas mãos afetuosamente entre seus pulsos enlavadados. “Eu sabia que eu não tinha quebrado elas. Mas você precisa começar a fazer abdominais seriamente e se pôr em condições de lutar. Você precisa fazer abdominais para proteger o corpo. Saca só, eu trabalhei teu corpo porque eu não queria te tocar muito no rosto, *porque você ainda não está acostumado a levar muita pancada na cabeça*. Foi por isso que eu bati mais no teu corpo. O que acontece é que teu corpo está cansado, porque você também não está acostumado a levar golpes no corpo. Sei muito bem que bati em você muito secamente, mas você precisa ver que também me bateu bastante.”

Aprender a boxear é modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que dele fazemos habitualmente, de maneira a interiorizar uma série de disposições inseparavelmente mentais e físicas que, ao longo do tempo, fazem do organismo uma máquina de dar e receber socos, mas

uma máquina inteligente, criativa e capaz de auto-regular-se, inovando-se no interior de um registro fixo e relativamente limitado de movimentos em função do adversário e do momento. A imbricação mútua das disposições corporais e mentais atinge um tal grau que mesmo a vontade, o moral, a determinação, a concentração e o controle das emoções transmutam-se em reflexos que dão sete vidas ao corpo. No boxeador já formado, o mental torna-se uma parte do físico, e vice-versa; o corpo e a mente funcionam em simbiose total. É o que exprime esse comentário orgulhoso que DeeDee lança para os pugilistas que perguntam se eles não estão “preparados mentalmente” para um combate. Depois da derrota de Curtis, durante sua primeira luta televisionada e transmitida nacionalmente de Atlantic City, DeeDee fulminou: “Ele não perdeu porque ele não estava ‘preparado mentalmente’. ‘Preparado mentalmente’, isso não quer dizer nada. Se você é um lutador, você está preparado. Eu estava mesmo dizendo a Butch: ‘Preparado mentalmente’ não é porra nenhuma [*that’s bullshit*]! Você é um lutador, você sobe no ringue e você bate, não tem nada de preparado ou de não preparado. A coisa não é mental. Não tem nada de mental nisso. Se você é um pugilista, você está preparado e bate, é só isso. O resto é merda.”

É essa estreita imbricação do físico e do mental que permite aos boxeadores experimentados continuar a se defender e eventualmente se recuperar, depois de ter sofrido o nocaute: nesses momentos de semi-inconsciência, seu corpo continua a boxear sozinho até que você retome seus sentidos, às vezes, minutos mais tarde. “Agarrei meu parceiro e ele levantou a cabeça e me disparou um golpe por baixo no olho esquerdo que me cortou e derrubou. Então, ele recuou e me mandou uma direita na cara com toda força que ele tinha. Ele me atingiu por baixo, pegou firme e me deixou pregado no lugar. Sem cair e sem ao menos balançar, perdi completamente a consciência, mas continuei a boxear instintivamente até pô-lo a nocaute. Um outro parceiro de *sparring* subiu no ringue. Boxeamos três *rounds*. Eu não me lembro de nada do que aconteceu.”<sup>70</sup> Durante o famoso “*Thilla in Manila*”, um dos combates mais brutais da história da Nobre Arte, Joe Frazer e Mohammad Ali, todos os dois, disputaram a maior parte da luta em um estado que beirava a inconsciência. “Smokin’ Joe”

contaria, vários anos depois da “clássica” luta entre os grandes rivais da década, como, desde o sexto *round* “eu não conseguia pensar. Tudo o que eu sei é que o combate estava ali, na minha frente. O calor [perto de 40 graus], a umidade [de verão filipino]... Nesse combate, eu não conseguia nem mesmo pensar, eu estava ali, tinha um serviço a fazer. Eu só queria fazer o meu serviço”.<sup>71</sup> Ele continuaria a avançar sobre Ali, embriagado de golpes e cegado pelos hematomas em volta dos olhos, até que seu treinador, temendo que ele se deixasse matar no ringue, jogou a toalha no décimo quinto e último assalto.

Num primeiro momento, boxeadores e treinadores parecem ter um julgamento contraditório sobre o aspecto “mental” de suas atividades. De um lado, eles sustentam que o boxe é um jogo de estratégia, um “*thinking man’s game*” que eles comumente comparam ao xadrez. Por outro lado, eles insistem que, entre as cordas, não se trata de raciocinar. “O ringue não é lugar para ficar pensando: lá, o negócio são os reflexos! Quando chega a hora de pensar, chegou também a hora de pendurar as luvas”, é o sermão de DeeDee. E, no entanto, o velho treinador de Woodlawn concorda totalmente com Ray Arcel, o deão dos treinadores do país, ainda firme nos seus 96 anos, depois de ter produzido dezoito campeões do mundo, quando ele afirma que “no boxe, é o cérebro que prima sobre o músculo. Não estou nem aí para saber quais são as suas qualidades como lutador. Se você não sabe pensar, você não passa de um babaca a mais [*just another bum in the park*]”.<sup>72</sup> A contradição desembaraça-se logo que realizamos que a capacidade que o boxeador tem de cogitar e de raciocinar no ringue tornou-se uma faculdade indivisa de seu organismo – o que John Dewey chamaria de “*body-mind complex* [complexo corpo-espírito]”.<sup>73</sup>

A excelência pugilística pode, portanto, ser definida pelo fato de que o corpo do boxeador pensa e calcula por ele, imediatamente, sem passar pela intermediação – com o atraso que isso envolve, e que poderia ser caro – do pensamento abstrato, da representação prévia e do cálculo estratégico. Como exprime, com concisão, o antigo campeão Sugar Ray Robinson: “Você não pensa. Tudo é instinto. Se você for parar para pensar, você está ferrado.” Opinião confirmada pelo treinador Mickey Rosario: uma vez



sobre o ringue, “você não pode pensar. É preciso que você seja um animal.”<sup>74</sup> E pode-se acrescentar: um instinto cultivado, um animal socializado. O corpo é que é a *estratégia espontânea*: ele sabe, compreende, julga e reage, tudo ao mesmo tempo. Se fosse de outro modo, seria impossível sobreviver entre as cordas. Por ocasião dos encontros de amadores, reconhecemos imediatamente os noviços, com seus gestos mecânicos e apressados, com suas combinações “teleguiadas” e lentas, cuja rigidez e o academicismo traem a interferência da reflexão consciente na coordenação dos gestos e movimentos.

Assim, a estratégia do boxeador produz o encontro entre o *habitus* pugilístico e o próprio campo que o produz, apaga a distinção escolástica entre o intencional e o habitual, o racional e o emocional, o corporal e o mental. Ela emerge da ordem de uma razão prática que, incrustada no fundo do corpo, escapa à lógica da escolha individual.<sup>(34)</sup> De fato, pode-se dizer da estratégia do boxeador no ringue o que o antropólogo Hugh Brody disse dos caçadores esquimós Athabaskan, do Noroeste do Canadá: “Fazer uma boa escolha de caça, bem pesada, sensata, é aceitar a interconexão de todos os fatores possíveis e evitar o erro que consiste em tentar focalizar racionalmente essa ou aquela consideração tida como primordial. Ou melhor ainda, a decisão é tomada no ato propriamente de agir; não há separação entre teoria e prática. Por conseguinte, a decisão – como a ação, da qual ela é inseparável – pode sempre ser modificada (de modo que não poderíamos, com todo o rigor, tratá-la como uma decisão)”.<sup>75</sup>

O confronto no ringue apela para julgamentos sinópticos marcados por respostas prontas e flexibilidade, efetuados na hora e para aquela hora, informados por uma sensibilidade pugilística incorporada, e que são a antítese das decisões maduramente refletidas e pensadas da “razão raciocinante”. Foi isso que Joyce Carol Oates viu, quando escreveu: “‘Livre escolha’, ‘bom senso’, ‘racionalidade’, nossos modos típicos de consciência estão fora

de propósito e talvez sejam até mesmo nefastos, no universo do boxe”.<sup>76</sup> Uma vez no ringue, é o corpo que compreende e aprende, que faz a triagem da informação e armazena-a, que encontra a resposta certa no repertório de ações e de reações possíveis, que se torna, enfim, o verdadeiro “sujeito” (se é que há um sujeito) da prática pugilística.

A aprendizagem bem-sucedida do boxe supõe, assim, a combinação de *disposições quase antinômicas*: pulsões e impulsões inscritas no mais profundo do “indivíduo biológico”, tão caro a George Herbert Mead,<sup>77</sup> que podem ser qualificadas de “selvagens”, no limite do cultural, casadas com a capacidade de canalizá-las a cada instante, de regulá-las, de transformá-las e explorá-las segundo um plano objetivamente racional, embora inacessível ao cálculo explícito da consciência individual. É essa contradição inerente ao *habitus* pugilístico explicativa de que a crença no caráter inato das qualidades do boxeador possa se acomodar sem fricção com uma moral inflexível do trabalho e do esforço. O mito indígena do dom do boxeador é uma ilusão fundada na realidade: o que os boxeadores tomam como uma qualidade de natureza (“É preciso que você tenha isso em você.”) é, na verdade, essa natureza particular que resulta do longo processo de inculcar o *habitus* pugilístico, processo que muitas vezes começa desde a mais tenra infância, seja no interior do próprio *gym* – onde vemos crianças que são regularmente trazidas pelos membros do clube e que treinam boxeando –, seja, ainda, nessa antecâmara do salão de boxe, que é a rua no gueto.

Páginas inteiras de anotações de campo poderiam ser citadas como apoio à idéia segundo a qual “se nasce boxeador”. Iremos nos contentar com esse trecho de 1º de outubro de 1988, em que DeeDee insiste longamente sobre as qualidades inatas do lutador que o treinador só faz virem à tona: “Se você tem isso em você, não há nada que possa impedir de surgir. Vai acabar surgindo, de uma forma ou de outra. Agora, se você não tem isso dentro de você, nem vale a pena. Há um monte de camaradas que podem treinar toda a vida, eles treinam e boxeiaram aqui, eles fazem o *sparring*, mas nunca na vida eles vão chegar lá. Eu digo isso a eles. Eu não mantenho eles aqui. Há um monte de camaradas em Chicago para quem eu disse que estava na hora de eles irem embora:

(34) Pode-se entrever de passagem tudo o que a sociologia inspirada na teoria dos jogos poderia ganhar se tomasse como paradigma um jogo muito “corporal” como o boxe, e não um combate eminentemente intelectual, como o jogo de xadrez e a estratégia militar.

“Não vale a pena vir ao *gym*, porque você nunca vai chegar lá”. E Eddie ainda aumentou a coisa: “Meu filho vai lutar boxe se ele quiser. Mas eu não vou obrigar ele a boxear. É preciso que isso venha dele mesmo. Porque você tem que ter essa coisa dentro de você, não se pode trapacear nisso. Então, não sou eu que vou obrigar ele.” A expressão “boxeador natural” [*a natural*], que muitas vezes retorna ao vernáculo das academias, designa essa natureza cultivada, cuja gênese social tornou-se invisível para aqueles que a percebem por meio das categorias mentais que são o produto dela.

### Uma pedagogia implícita e coletiva

A uma prática essencialmente corporal e pouco codificada, cuja lógica só pode ser apreendida em ação, corresponde um modo de inculcar implícito, prático e coletivo. A transmissão do pugilismo efetua-se de uma forma gestual, visual e mimética, sob o custo de uma manipulação regulada do corpo que somatiza o saber coletivamente detido e exibido pelos membros do clube a cada pata-mar da hierarquia tácita que o atravessa. A Nobre Arte apresenta, nesse sentido, o *paradoxo de um esporte ultra-individual, cuja aprendizagem é totalmente coletiva*. E pode-se chegar a ponto de afirmar, parafraseando Émile Durkheim, que o *gym* está para o boxe assim como a Igreja está para a religião: a “comunidade moral”, o “sistema solidário de crenças e práticas” que a torna possível e que a constitui enquanto tal. O que significa dizer, de passagem, que as formas privadas da prática pugilística que os novos empreendedores da gestão do corpo, sempre em busca de exercícios exóticos com os quais renovar um mercado de *fitness* razoavelmente atravancado, procuraram durante um tempo popularizar só tem boxe no nome.<sup>(35)</sup>

<sup>(35)</sup> Penso, por exemplo, no livro de Peter Pasquale, *The Boxer's workout: fitness for the civilized man*, que convida as pessoas dinâmicas a descobrir as alegrias do boxe... em domicílio, somente batendo em um saco de areia, na garagem: “Este livro é dedicado às crescentes legiões de colarinhos brancos, de contadores a atores, passando por corretores da bolsa, médicos e empresários, para quem o treinamento de boxe é um ingrediente importante para o sucesso profissional.” Nenhum dos pugilistas de Woodlawn tem um saco de areia em casa. Para DeeDee, treinar em casa é um *non-sense*, embora a maior parte dos exercícios específicos, de fato, possa ser realizada em uma garagem. <sup>78</sup>

Compreende-se facilmente, por todas as razões anteriormente levantadas, que não é possível aprender a boxear “no papel”. Não há surpresa alguma, pois, que o treinador do Woodlawn Boys Club dedique uma hostilidade aberta a manuais, desenhos, receitas e métodos livrescos de ensino, tal como comprova a nota a seguir.

Enquanto seco o corpo com minha toalha, deixo escapulir: “Veja, DeeDee, você nem sabe o que eu encontrei na biblioteca do campus no outro dia. Um livro chamado *O treinamento completo do boxeador*, que mostra todos os movimentos e exercícios de base do boxe. Será que vale a pena ler o livro para aprender os rudimentos do boxe?”

DeeDee faz uma cara de nojo: “*Não se aprende a boxear nos livros. Aprende-se a boxear na academia.*”

“Mas isso pode ajudar a ver os diferentes golpes e compreender eles melhor, não é?”

“Não, não ajuda em nada [*it ain't helpful*]. Não é lendo livros que você aprende a boxear. Eu conheço bem esses livros, lá dentro tem fotos e desenhos que mostram como colocar os pés e os braços, o ângulo que o teu braço direito faz e tudo isso, mas é tudo de araque! Você não tem o menor sentido de movimento. O boxe é movimento, é o movimento que conta.”

Eu persisto: “Então não dá para aprender nada sobre boxe nesses livros?”

“Não, não dá.”

“E por que não?”

Com um tom irritado pela minha insistência, como se a coisa fosse tão evidente para qualquer um que de pouco adiantasse ele ficar repetindo: “Não dá. Ponto final. Acabou. [*You can't! Period.*] Não dá. Num livro, tudo é estatística. Eles não mostram o que acontece no ringue. Essa coisa não é boxe, Louie. Não dá pé, é só.”

“Mas para um iniciante como eu, talvez não faça mal compreender mentalmente, antes de vir pra academia.”

“É claro que não faz mal, *principalmente* quando a pessoa é iniciante. Esses livros vão te ferrar completamente [*mess you up completly*]. Se você aprende num livro, nunca será um boxeador.”

Opinião confirmada por Eddie, o “pupilo” de DeeDee. Quando pergunto-lhe como nos tornamos treinadores de boxe, ele explica-me que há um pequeno exame técnico que se faz na Federação, mas que o essencial é “treinar nos bons *gyms*, como este, e pouco a pouco você pega a coisa. Não é algo que você possa aprender nos livros”.

O que o treinador denuncia nos escritos é seu efeito de totalização e de destemporalização. A virulência de sua reação revela, na prática, a antinomia que existe entre o tempo abstrato da teoria (isto é, da contemplação) e o tempo da ação, que é constitutivo dessa própria ação. Considerar o boxe do ponto de vista soberano de um observador de fora, extirpá-lo de seu tempo próprio, é fazer com que ele sofra uma mudança que o destrói enquanto tal. Porque, como a música, o boxe é uma prática “inteiramente imanente ao tempo-duração, [...] não somente porque ele é jogado no tempo, mas também porque ele joga estrategicamente com o tempo, e, em particular, com o andamento do tempo”.<sup>79</sup> Se os conselhos dos manuais e os desenhos dos métodos escolares têm qualquer coisa de irreal, aos olhos de DeeDee, é porque o mais belo dos *uppercuts* é destituído de valor quando é lançado em mau momento; isolado, o gancho tecnicamente mais perfeito não é nada, e é coisa alguma quando ele não está integrado no andamento de troca e ao estilo do boxeador.

Ao contrário de outros esportes de combate mais codificados, tais como o judô e o aikidô,<sup>80</sup> em que o mestre desmonta e demonstra à vontade as tomadas com um cuidado de detalhes e de análise que pode chegar até ao estudo teórico, e em que a progressão é marcada por sinais e títulos oficiais (como as faixas), a iniciação ao boxe é uma *iniciação sem normas* explícitas, sem etapas claramente definidas, que se efetua coletivamente, por imitação, por emulação e por encorajamento difusos e recíprocos, e no qual o papel do treinador é coordenar e estimular a atividade rotineira, que resulta ser “uma fonte de socialização bem mais poderosa do que a pedagogia da instrução”.<sup>(36)</sup>

<sup>(36)</sup> Jean Lave mostra que, mesmo no caso da aritmética, saber eminentemente intelectual, se é que é um saber, não é possível separar o corpo, o eu, a atividade-suporte da aprendizagem e o quadro social e físico de sua utilização.<sup>81</sup>

De fato, o “método” de ensino de DeeDee não é uma pedagogia pensada e organizada segundo um plano de conjunto. Nunca ouvi ele declinar o porquê dos gestos de base, nem descrever, de maneira resumida, a disposição deles, nem decompor os diferentes estágios da progressão esperada. Os conselhos que ele destila com parcimônia e intermitentemente são, antes, descrições sumárias do movimento a ser executado e que constituem verdadeiros pleonasmos com relação à realidade, consistindo, na maioria das vezes, de observações parciais e negativas: “Não deixe cair a mão esquerda quando você solta o jabe”; “Não balance o pulso para trás”; “Mantenha a perna direita sob o corpo o tempo todo”. Como os gestos do pugilista são, para ele, de uma simplicidade e de uma transparência evidentes, DeeDee não desiste da idéia de que eles não exigem qualquer exegese. “É mais fácil do que contar até três”; “Não há nada a explicar, o que é que você quer que eu te explique?”; “Vamos ver isso mais tarde, por enquanto, contente-se em boxear”. Quando não se compreendem de imediato as suas indicações, ele limita-se a reiterá-las, se for necessário juntando o gesto às palavras, sem dissimular seu aborrecimento, ou então ele se zanga e pede a um de seus acólitos que tome seu lugar. Se um pugilista não consegue executar corretamente um movimento depois de alguns exercícios “sozinho”, o *sparring* oferece um procedimento pedagógico de último recurso. Sem conseguir obter o que desejava com conselhos e com paciência, DeeDee resolveu, bem contrariado, apelar para o reflexo de autodefesa para domar um gesto rebelde.

— O que foi que eu já disse pra você, Louie? Onde é que você tem que pôr a mão direita, hein, onde? É isso, aí no alto, contra a face direita, para se proteger do gancho de esquerda, e não lá embaixo. Você vai deixar que arrebentem tua cabeça [*you gonna get your head busted*], Louie. Você não protege ela como é necessário. Vou pedir a Ashante para te mostrar onde você tem de manter a mão, essa bendita mão direita. Da próxima vez [que você lutar em *sparring* com ele], vou dizer a ele pra te ensinar com o gancho de esquerda dele, se você não quiser me ouvir.

— É a melhor maneira de aprender, não é?

— Não. Não é a melhor maneira [*best way*]. É a maneira mais

pesada [*hard way*]. Prefiro que você aprenda por si mesmo, quando eu falo isso pra você, e não deixando que te quebrem a cara [*get your face beat up*]. [Nota de 17 de maio de 1989.]

Quando corrige um boxeador, DeeDee faz isso da maneira mais pública possível: na maior parte das vezes, a reprimenda é gritada com uma voz forte, vinda da sala dos fundos, e ouvida por todo mundo. Como a acústica do lugar é deplorável, nunca se pode saber com uma certeza total a quem ele está se dirigindo. Na dúvida, todo mundo tende a levar em conta a reprimenda e a redobrar sua atenção e aplicação. Mesmo quando DeeDee está aboletado em sua poltrona, atrás do vidro do escritório, de onde ele descortina com o olhar toda a área de exercício, é difícil dizer quem ele está observando exatamente; também nesse caso, é melhor supor que ele está olhando para você e boxear da melhor forma possível, para não haver risco de atrair seus raios. Enfim, o fato de que possamos ficar dias, talvez semanas, sem receber qualquer apreciação de sua parte, positiva ou negativa, gera uma ansiedade por saber se estamos progredindo ou não, se o que estamos fazendo é bom ou ruim. Essa incerteza dá a sensação de que estamos avançando às cegas e força o aprendiz de boxe a ser sério e a caprichar em cada sessão, em cada um dos exercícios.<sup>(37)</sup> Desse modo, cada uma de suas intervenções e a própria maneira pela qual ele as manifesta agem como um mecanismo de *correção coletiva permanente*. Pode-se mesmo especular que quanto mais raras são as intervenções visíveis de DeeDee, mais duráveis e frutíferos são os seus efeitos.

O que poderia passar por uma falta de interesse do treinador, ou por uma carência de acompanhamento, é, de fato, a própria essência de seu método de ensino. Guiado por seu senso pugilístico, fruto da experiência acumulada de décadas de prática, DeeDee esforça-se para colocar em operação, de maneira empírica, por meio de ajustes sucessivos, a combinação de reprimendas sempre

<sup>(37)</sup> É durante essas fases que descobro que, a exemplo do pesquisador no campo acadêmico, não tem nada de pior para um boxista, no *gym*, do que a indiferença. E é com alívio que acolho as repreensões com as quais DeeDee põe fim a essa ansiedade.

repisadas, a atenção silenciosa, as indiferenças ostensivas e as exortações, com a finalidade de fazer entrar o esquema prático no esquema corporal do aprendiz de pugilismo. Tudo acontece como se suas instruções só tivessem por função facilitar e reforçar o efeito próprio da manipulação do corpo, tornando-a mais vigorosa, mais aplicada e mais intensa, e instilando no boxeador a crença de que existe um laço causal entre os esforços exigidos dele e os resultados prematuros, a despeito do caráter repetitivo e descosido dos conselhos que ele recebe.

#### ○ CHEFE DE ORQUESTRA

DeeDee (DD ou DeDe, trata-se de um apelido que ele deve ao irmão, que debochava dele pelo seu falar tatibitate quanto era pequeno) nasceu em 1920, na Geórgia, onde seus pais eram meeiros nas terras de uma família da alta sociedade branca de Atlanta. Desde 1922, como milhares de negros do Sul, eles foram para “Dixieland”, rumo a Chicago, em busca de um clima racial menos opressivo e de condições de vida menos duras.<sup>82</sup> Seu pai conseguiu um serviço como gari na Prefeitura Municipal, emprego remunerado com regularidade e bem-conceituado entre a comunidade negra da época, mas eram a fabricação e a venda ilegal de álcool para os brancos, durante a Lei Seca, que asseguravam à família seu sustento cotidiano. Ele ganhava com isso um pouco de dinheiro, antes de ser apagado pelos membros de uma quadrilha rival de traficantes – “Ele não puxava muito a vassoura, morou, ele puxava mais sua carroça de *moonshine* [álcool de contrabando] do que a vassoura”. DeeDee tinha sete anos.

Durante a Grande Crise e até a guerra, DeeDee morava em uma casinha pegada a uma horta e a um galinheiro, no centro do gueto de South Side, com a mãe e os cinco irmãos e irmãs. “Ninguém tinha trabalho, naqueles anos, *ninguém*. Nem os brancos, nem os negros. Todo mundo procurava trabalho desesperadamente, estava à cata de dinheiro. Precisava viver se virando, naqueles tempos. Só a guerra nos tirou dessa sinuca. Eu sei que, com certeza, eles fizeram a guerra exatamente para que a gente saísse da crise. De repente, todas as fábricas procuravam mão-de-obra. Havia emprego em tudo que era canto! As pessoas ganhavam muita grana. Vendia-se ferro-velho a preços absurdos: os caras que tinham um monte de ferro-velho nos seus quintais torna-



Imóvel em sua cadeira, com o cronômetro na mão, DeeDee segue atentamente, da sala dos fundos, a evolução de seus pupilos.

ram-se milionários da noite para o dia, quando se amassava todo metal disponível para fazer aviões e bombas. O chumbo tornou-se uma mina de ouro.”<sup>83</sup>

Desordeiro notório desde os seis anos de idade, DeeDee iniciou-se no boxe na escola, desde a adolescência, em uma época na qual “todo mundo só sonhava com uma coisa, ser Joe Louis” — o primeiro grande campeão negro da era moderna.<sup>(38)</sup> Depois de uma carreira breve e sem glórias no ringue (ele disputou quarenta combates amadores e uma luta profissional contra um dos pugilistas que ele treinava, e que, por cortesia, ainda deixou que

(38) “O bombardeiro de ébano”, cuja ascensão coincide com a segunda “idade do ouro” do boxe profissional na América do Norte, era então o herói nacional, por ter simbolicamente arrasado, com seus punhos, o nazismo, na pessoa do campeão alemão Max Schmelling, em junho de 1938, mas também, e sobretudo, era uma lenda viva para a comunidade afro-americana, para a qual ele deu o orgulho étnico e a autoconfiança, ao destruir no ringue o mito da inferioridade congênita dos negros.<sup>84</sup>

ele fizesse alguma coisa), ele passou definitivamente para o outro lado das cordas. Porque, embora sofra de artrose nas mãos e nos joelhos, o jovem Herman indubitavelmente tem o olho e a mão necessários para ensinar a Nobre Arte, da qual ele descobre as figuras infinitamente variadas nas academias do South Side e nos filmes que ele devora, mesmo quando não tem fome. “Tinha essas máquinas de filmes nos bares, onde você colocava um *nickel* [5 cents], e você podia olhar no visor uma pequena quantidade de filmes de boxe. Eu passei horas vendo esses filmes, e foi assim que eu aprendi.” Na cola de Jack Blackburn, o treinador de Joe Louis que o tomou por um breve período sob proteção antes de morrer, DeeDee logo construiu para si uma reputação primeiro regional e mais tarde nacional. Entre 1978 e 1985, ele leva uma dezena de boxeadores ao *top ten* das classificações internacionais, e dois de seus pupilos ganham um título mundial: Roberto Cruz, entre os pesos meio-médios e Alphonso Ratliff, na categoria dos meio-pesados. Ele sempre exerceu seus talentos em Chicago, com exceção dos seis anos passados no Japão e nas Filipinas, treinando alguns dos melhores pugilistas asiáticos, e de uma breve estada em Los Angeles, sob a instigação de um grande agente da Costa Oeste. Considerado por seus pares como um dos melhores treinadores da história do boxe norte-americano, DeeDee foi eleito, em 1987, para o Boxing Hall of Fame, o Museu de Boxe de Louisville, em Kentucky. Mas ele não teve recursos para pagar a viagem e faltou à cerimônia de entronização que deveria marcar a apoteose de sua carreira.

Hoje em dia, DeeDee sobrevive com 364 dólares por mês, que ele recebe a título de Supplemental Security Income, um programa de auxílio destinado às pessoas de terceira idade que não têm recursos e que sofrem de invalidez. Ele não tem bem algum, nem aposentadoria, tendo trabalhado como assalariado somente dois anos e meio, no total. “Fiz todo tipo de trabalho, em restaurantes, hotéis, como cozinheiro, copeiro, faz-tudo diarista, e morei na rua. Você faz qualquer coisa para sobreviver na rua, Louie, está sacando o que eu estou dizendo?” Entre os ofícios que ele exerceu, nem que fosse por pouco tempo, ao lado de sua atividade principal de treinador: manobrista, operário metalúrgico, lavador de vidros, leão-de-chácara de boate, motorista de táxi, vendedor ilegal, “exterminador” de baratas e outros insetos e roedores que infestam os cortiços do gueto, pintor de paredes

e guarda-costas de um bordel.<sup>(39)</sup> Ele não se queixa. “Conheço caras que trabalharam vinte anos, trinta anos, e que recebem o quê? Nem mesmo 500 dólares de aposentadoria! Recebo o mesmo e nem cheguei a trabalhar”. DeeDee reserva, toda semana, um ou dois dólares para comprar alguns bilhetes de loto em um *liquor store* (bar da esquina). De vez em quando, ele melhora seus ganhos recebendo uma “contribuição privada” sobre os raros pugilistas do clube que têm meios de lhe dar “alguma coisinha, cinco ou dez dólares”. Nessa época, a responsável pela creche que fica anexa à academia de boxe dava-lhe os restos de merendas depois das festas infantis. Quando há combates na cidade, pode acontecer que o empresário de Curtis traga-lhe alguns sacos de frutas e de legumes de seu sítio.

A ascese coletiva, cujo mestre-de-obras no ginásio é DeeDee, é construída à imagem de sua vida pessoal espartana: levantar cedíssimo, dormir cedo, alimentar-se à base de legumes cozidos, peixe fresco e carne magra (frango e peru), jamais tomar *pop* [refrigerantes] nem comer doces, raramente tomar um copo de bebida alcoólica (com exceção do Armagnac, que trago para ele da França toda vez que viajo) e fazer uma visita ao médico a cada seis meses (no sistema médico gratuito, por causa de problemas de circulação e da artrose nos punhos, que o impede de dirigir). DeeDee divide um exíguo apartamento alugado na rua 67 com uma sobrinha adotiva, menina-mãe que faz seu curso em uma pequena escola privada de estética para obter um diploma de cabeleireira e manicura, e que ajuda o treinador cuidando da casa, em contrapartida do direito de morar. Para ela, esse diploma é o supra-sumo, e ela fala dele como de um sucesso excepcional, que, em grande parte, ela atribui ao apoio moral inquebrantável de DeeDee – quando ela pensava em abandonar a escola, ele ameaçava-a: “Se, por acaso, você não terminar seus estudos, eu vou te dar a maior surra da tua vida [*whuppin*], que você vai se lembrar até na hora do seu enterro”.

DeeDee não tem outras atividades além do boxe, e ele passa a maior parte dos seus dias no clube, mesmo quando não aparece quase ninguém por lá. Seu tempo divide-se entre a supervisão

do treinamento e intermináveis conversas telefônicas e discussões com os visitantes habituais da academia. O emprego que ele faz do seu tempo é regulado como uma partitura musical: um pouco antes do meio-dia, ele pega o ônibus perto de casa, passa para tomar uma sopa no Daley's (o restaurante familiar da esquina de Cottage Grove com a rua 63), depois ele abre o ginásio. Pouco depois das sete horas, terminado o treinamento, ele fecha de novo a pesada grade que protege a fachada do Boys Club e pede que um dos boxistas o acompanhe até em casa. À noite, ele toma conta do sobrinho-neto Will, enquanto assiste aos combates de boxe transmitidos pelos canais esportivos pagos de televisão, que ele recebe em casa graças a um gatilho no cabo, feito, em troca de vinte dólares, por um de seus sobrinhos. Nunca vai ao cinema, não está acostumado a jantar fora, não frequenta mais boates à noite (onde, antigamente, ele adorava exibir seus reconhecidos dotes de dançarino) e execra passeios. As reuniões que seus boxeadores promovem são as únicas saídas que ele dá.

DeeDee é encarregado do clube de boxe de Woodlawn desde a sua abertura, em 1977, mas ele recusa-se a considerar isso como “trabalho”. Primeiro, porque ele não é remunerado para isso – “Eles não pagam coisa nenhuma, é tudo de graça. Todo ano, eles me mandam uma bela placa para me agradecer por eu fazer tudo funcionar, e só. Mas placa não se come.” Em segundo lugar, porque ele não imagina nem a possibilidade de ir para outro lugar ou de fazer outra coisa: “Saca só, Louie, eu não trabalho aqui. Isso não é um emprego. Eu passo o tempo [*hang around*] no ginásio, é tudo. Já espirei por outras academias, no Fuller Park, no John Cullon, do West Side. Se eu não estivesse aqui, provavelmente estaria no Fuller Park. É preciso encontrar uma academia onde ficar, para passar o tempo... Preciso estar na academia, ver os meninos boxearem, a pessoa precisa estar mergulhada no boxe, porque tem o boxe no sangue. Eu não poderia passar sem isso.” O resto do tempo é ocupado seguindo os combates dos boxeadores que ele treina e para os quais oferece o serviço de “segundo”, em troca de uma pequena remuneração que os lutadores insistem em lhe dar (cerca de dez por cento de seus modestos cachês, ou seja, alguns bilhetes de vinte dólares por sessão). Seja por princípio, seja por falta de recursos financeiros, DeeDee nunca assiste a uma reunião local, quando não

<sup>(39)</sup> Essa “dupla atividade” é típica: com exceção dos monitores de boxe empregados pelo Departamento de Parques e Jardins da cidade, todos os treinadores de Chicago exercem uma atividade profissional fora de seus *gyms*.

pode entrar nela gratuitamente: acha totalmente absurda a idéia de pagar para ver uma luta. De resto, sua notoriedade no lugar é tamanha que só muito excepcionalmente não dispõe de ingressos para convidados.

Como a maioria dos treinadores, sobretudo os da “velha escola”, DeeDee mantém relações complexas e ambíguas com seus pupilos, para os quais ele é, ao mesmo tempo, treinador, mentor, guardião, conselheiro sentimental e confidente, e que devotam a ele um respeito filial que ultrapassa de longe a admiração profissional.<sup>85</sup> Esse era o caso, antigamente, de Alphonso, para quem DeeDee chegava a cozinhar, no *gym*, todas as tardes, para ter certeza de que ele iria comer os alimentos apropriados. É o caso, hoje, de Curtis, que ele trata com um misto de fingido desinteresse e afeição áspera que, muitas vezes, beira o autoritarismo, e com o qual ele desenvolveu, ao longo dos anos, uma relação quase paternal. Na frente dele, DeeDee afeta uma atitude de indiferença com relação ao seu comportamento fora do ginásio, quando, na verdade, esse comportamento inquieta-o constantemente: como prova disso, ele mantém contato telefônico cotidiano com Sherry, a mulher de Curtis, para saber se ele segue suas instruções nos compartimentos da existência que julga afetar o desempenho dele entre as cordas: sua alimentação, as relações familiares, as práticas sexuais. DeeDee faz a intermediação entre Curtis e seu empresário; ajuda a administrar suas relações tumultuadas com a responsável pela creche que ocupa uma parte do prédio do Woodlawn Boys Club, onde Curtis trabalha como faxineiro auxiliar; segue atentamente o curso de seus aborrecimentos financeiros, seus problemas de moradia e seus conflitos com o seguro social. Em resumo, o velho treinador está estreitamente ligado à vida privada de Curtis, que, por sua vez, considera-o como seu segundo pai, levando em alta conta sua sabedoria: “DeeDee e eu, a gente se relaciona, a gente fala, a gente fala bobagem um pro outro o tempo todo, mas também temos papos sérios – eu acredito em tudo o que ele me diz, mesmo porque [ele abaixa a voz para marcar seu respeito] *não é à toa que ele chegou aos 70 anos, hein? Você sabe que ele não nasceu ontem, então ele sabe muito mais coisa do que eu.* Talvez eu nem possa chegar lá. Mas precisa que a gente tenha uma briga de vez em quando, só pra dar a ele um pouco de prazer. Assim, quando eu saio da academia, ele pode sorrir e balançar a cabeça, essas coisas...”

Assim, na manhã do dia da luta em que Curtis iria arrebanhar o título de campeão do estado de Illinois, DeeDee queixa-se – entre sério e irônico, e, sem dúvida alguma, orgulhoso – de que Curtis trata-o como uma criança, não deixando ele fumar e beber, quando ele deveria ter o direito de se entregar a esses pequenos prazeres, na sua idade: “Se ele me vê fumando, ele vem e berra comigo: ‘Larga esse cigarro, DeeDee, apaga isso imediatamente’, e começa a gritar alto como se eu fosse uma criança. [Rosnando.] Ei? Eu tenho 69 primaveras, se a gente não pode se dar ao direito de um pouco de prazer com 69 primaveras, então, eu não sei quando... Se ele me vê com um copo de vinho ou qualquer outra biritá, fica furioso, pega no meu pé e me xinga, diz pra eu ir descansar. A mesma coisa com o cigarro. O que é isso? Eu não sou pai dele, está certo, mas ele não é meu filho, não, pra ficar me dizendo o que eu devo e o que eu não devo fazer.” Rimos e provocamos ele, sublinhando que, apesar de tudo, ele tem sorte de Curtis se preocupar tanto com ele, e que isso só vai fazer ele viver mais.

Mas a pedagogia pugilística não visa somente a transmitir uma técnica: ela tem também por função constituir de maneira prática as expectativas objetivamente racionais que irão facilitar a ascensão do aprendiz de boxe na hierarquia do *gym*. Para encontrar e conservar seu lugar no universo pugilístico, é preciso, com efeito, conhecer e levar em conta, em todos os momentos, seus limites físicos e morais, não deixar suas aspirações “descolarem” de maneira irrealista, não buscar educar-se mais rapidamente e além da medida do razoável, sob o risco de ter suas energias dilapidadas, fazer-se demolir pelos oponentes superiores e expor-se a quebrar a cara. É por isso que as instruções do treinador, muitas vezes, tomam a forma da incitação à modéstia, de convites a repetir até a exaustão os mesmo gestos, sem procurar ultrapassar suas capacidades, respeitando o ritmo aparentemente estacionário que ele imprime à aprendizagem. Por meio de suas observações, de suas críticas, seus encorajamentos, mas também de seus silêncios prolongados, ou por sua presença, DeeDee educa aqueles que, por falta de confiança em si mesmos ou por timidez, consideram-se abaixo de seu valor (“Agora você sabe boxear tão bem como todos os outros, Louie: se eu deixo

você lutar com Jeff, você vai meter ele numa boa encrenca”), e rebaixa aqueles que, embevecidos por seus progressos na academia ou por seus sucessos no ringue, vangloriam-se, acreditam que “chegaram lá” e tentam boxear acima de seus meios. A pedagogia pugilística é, pois, inseparavelmente, uma pedagogia da humildade e da honra, que tem por finalidade inculcar em cada qual o *sentido dos limites* (que é também um sentido do grupo e de seu lugar dentro do grupo), como atestam esses dois fragmentos de meu diário.

No dia 22 de outubro de 1988, por ocasião da noite “de gala” organizada todo ano para recuperar as finanças do clube, Little John (24 anos, estudante e agente de seguros em uma cidade HLM) combate pela primeira vez. Ele está nervoso e atrapalhado, bate muito forte e um pouco de qualquer jeito. [...] Vejo DeeDee, que está furioso em seu escritório. De repente, ele rompe pelo salão, com o olhar fulminante, e vocifera em direção ao ringue: “O que é que você acha que está fazendo, John, hein? Pára com essas babaquices [*cut out this bullshit*] e contente-se por boxear. *Você está tentando fazer uma cara de boxeador, mas não está com cara de nada!*” Dá meia-volta com um ar de desgosto e vai para a sala dos fundos, para enrolar as bandagens nas mãos de Rico.

No dia 22 de março de 1989, Curtis foi para a Carolina do Sul, para se recuperar na fazenda de seu empresário, de modo a preparar seu primeiro combate em Atlantic City, no mês seguinte – uma boa chance para ele traçar os planos para seu ingresso na classificação internacional. Pergunto a DeeDee se ele foi de avião ou de ônibus. “Porra, Louie, ele foi de ônibus! Quem é ele pra andar de avião, hein?” Killer Keith espantou-se com isso: “Não é cansativo, para ele, ficar tanto tempo num ônibus, DeeDee, porque isso dá o quê? Quinze, dezoito horas de ônibus?” “São dezenove horas para ir até a Carolina do Sul pela Greyhound [uma companhia barata de ônibus]. Isso, pra mim, não é nada. *Quem o Curtis acha que é? Ele não é ninguém, não é nada.* Eu já falei pra você. Todo esse tempo no ônibus, isso vai dar tempo pra ele pensar e pôr alguma coisa naquela cabeça.”

Essa propedêutica da modéstia aplica-se muito particularmente aos novíços, que ainda estão tentados, por vontade de aparecer

misturada à ignorância, ou por admiração por seus colegas mais adiantados, a queimar etapas, enfrentando exercícios que exigem uma técnica que eles ainda não têm. Eis a reação de DeeDee quando, em 10 de janeiro de 1989, sucumbi a essa tentação, tentando boxear a *double-end-bag*, como fazia Tony, um pugilista profissional que tem seis anos de experiência.

Quando já estou trocando de roupa, DeeDee sai e me dá a bronca: “Você é uma verdadeira desgraça [*disgrace*] nessa bola, Louie, horrível de verdade, um terror de se ver.” Escutei mal e tive a infelicidade de pedir-lhe que repetisse sua observação. Ele não se aborreceu nem um pouco: “Você estava dando o maior vexame, pulando em volta da bola e sacudindo os braços [*swinging*]. O que você acha que está fazendo nessa bola? Ela é pra trabalhar os jabs, e o que você fez foi balançar o corpo pra todo o lado, sem manter as mãos no alto, um horror! O que é isso? Eu nem conseguia olhar, de tão horrível.” Fiquei totalmente envergonhado: percebi bem que eu não sabia boxear no *jab bag*, mas, mesmo assim! “Da próxima vez, eu vou chegar mais cedo e você pode me mostrar como a gente usa esse aparelho.”

“Não tem mistério nenhum [*Ain't nothing to it*], Louie, *não tenho nada pra mostrar pra você, o que você quer que eu te mostre?* Basta você trabalhar teu jabe, teu *timing*, é só isso.”

Depois disso, ele sai comigo do escritório e toma posição diante da bola, que ele soca, enquanto explica: “Basta ficar perto da bola, jabe, jabe, você deixa rolar, um-dois, jabe, um-dois, jabe, como no *speed-bag*. Se ela volta na tua cara, você bloqueia ela com a mão direita.” Ele soca a *punching-ball* com curtos de esquerda, em cadência com o balanço, devagar, as pernas ligeiramente flexionadas, o tronco inclinado para a frente – ele é bem gracioso. Esmero-me em lançar alguns pequenos jabs ritmados, lentamente, como ele; é evidentemente mais fácil do que o que eu estava tentando fazer antes.

“Taí, é isso, é só isso que você tem que fazer. *Ninguém está pedindo pra você fazer mais do que isso.* Se a bola vem até você balançando, você bloqueia ela assim [com a palma da mão direita aberta, perto do rosto].

“Tá bem, da próxima vez, vou tentar fazer melhor, DeeDee.” Ele já desapareceu na cozinha.



Se DeeDee pode-se permitir uma tal economia de palavras e de gestos, é porque *o essencial do saber pugilístico transmite-se fora de sua intervenção explícita*, por intermédio de uma “comunicação silenciosa, prática, de corpo a corpo”,<sup>86</sup> que não é um diálogo só entre o mestre e seu aluno, mas uma conversa a muitas vozes aberta ao conjunto dos participantes regulares do treinamento. O ensino do boxe no Woodlawn Boys Club é um ensino coletivo sob três pontos de vista: ele efetua-se de maneira coordenada, no interior do grupo, que cria a sincronização dos exercícios; ele faz de cada participante o modelo visual potencial, positivo ou negativo, de todos os outros; enfim, os pugilistas mais aguerridos servem, ao mesmo tempo, como auxiliares que se revezam, reforçam e, segundo a necessidade, complementam a (in)ação aparente do treinador, de modo que cada boxeador colabora, sabendo disso ou não, para a formação de todos os outros.

No interior do dispositivo de aprendizagem pugilística, encontra-se o ritmo comum que envolve todas as atividades da academia, impregnando-as com sua temporalidade específica. Como um cronômetro vivo, DeeDee pontua o tempo de duração do dia gritando alternadamente “*Time in!*”, para indicar o início de um *round* de exercícios, e “*Time out!*”, para marcar seu fim. Ao som do “*Time in!*”, todos os boxeadores põem-se à obra, como um único homem. Cada intervalo de três minutos assim modulado é seguido por um tempo de repouso de trinta segundos (um minuto, se está havendo, simultaneamente, uma sessão de *sparring*), durante o qual se instala uma calma precária, antes que um novo “*Time in!*” coloque o engenho novamente em marcha. Nada de tempo morto, nada de tempo livre. Seja qual for a hora em que eles comecem o treino, sejam quais forem os exercícios que façam, os pugilistas trabalham sempre em concerto, porque o respeito por esse andamento é um imperativo que não conhece qualquer exceção e que se impõe a todos por ele mesmo – é impensável que ele se exerça como um contratempo, e um boxeador que, por distração, se esqueça do início do *round* ou que o confunda com o sinal de repouso, é logo chamado à ordem por DeeDee ou por algum de seus parceiros (“DeeDee disse ‘*Time-in!*’, ao trabalho, cara”).

O tempo do *gym* é um tempo pleno, impositivo, que marca o corpo e modela-o segundo seu ritmo. O exercício cadenciado do grupo habitua progressivamente o organismo a alternar esforço intenso e recuperação rápida segundo o andamento específico do jogo, até *habitua-lo* a essa necessidade.<sup>(40)</sup> Quanto à duração, ela regula o “relógio biológico” do boxeador até o ponto que seu próprio corpo pode, por ele mesmo, dividir a sucessão dos *rounds* (dei-me conta de que meu corpo se tornara capaz de contar por intervalos de três minutos, num dia de inverno em que DeeDee havia saído cedo da sala, e eu treinei sozinho com o cronômetro).

Ciente de que a temporalização da prática pugilística forma a própria base de seu aprendizado, compreende-se que o controle do andamento coletivo do treinamento adquire uma importância particular: exceto em circunstâncias específicas, somente DeeDee, Charles Martin e o aluno-treinador Eddie estão habilitados a gritar o “*Time!*”, e ninguém está autorizado a usar o cronômetro de DeeDee sem sua permissão expressa. Esse cronômetro é, para o velho treinador de Woodlawn, o que o *skeptron* era para os reis das cortes medievais, segundo Émile Benveniste,<sup>87</sup> o símbolo e o instrumento da autoridade que ele exerce sobre o coletivo, assim fragmentado; tirá-lo dele seria pôr essa autoridade em questão, privar DeeDee do único emblema de sua função no *gym* (além da camisa pólo azul-marinho “Staff, Chicago Boys and Girls Club”, que ele não tira). Sem dúvida, é por isso que o ginásio de Woodlawn, ao contrário de muitos outros, não tem uma minuteria elétrica que marca automaticamente os *rounds*.<sup>(41)</sup> Sem contar que, depois de uma vida inteira passada em academias de boxe, o cronômetro tornou-se, para DeeDee, uma espécie de órgão suplementar, como uma extensão de seu corpo. Mesmo suas conversas

(40) Uma luta de boxe compreende três assaltos, entre os amadores, e quatro, seis, oito ou dez *rounds*, entre os profissionais, segundo o nível (doze para um título mundial). Cada *round* dura três minutos, com um minuto de repouso entre dois *rounds* consecutivos.

(41) As academias descritas por Hauser (*op. cit.*) e Plummer (*op. cit.*) estão equipadas com relógios automáticos que sinalizam o início e o fim dos *rounds*, por meio de duas campainhas distintas. Todos os outros *gyms* de Chicago funcionam com um sistema elétrico de marcação do tempo.



DeeDee dá o “Time!” do *sparring*, sentado em sua mesa, com Bernard e Reggie.

telefônicas são interrompidas pelo refrão ritmado dos “*Time in!*” e “*Time out!*”, e pode acontecer, às vezes, ao fim de um longo dia, que ele continue a engrenar mecanicamente os *rounds*, mesmo depois que o último boxeador presente já tenha terminado seu treinamento.

A simples sincronização dos movimentos no tempo e a proximidade física dos pugilistas no espaço fazem com que se *vejam*, o tempo todo, corpos em ação – inclusive o próprio corpo, quando se boxeia diante do espelho. Esse reforço visual e auditivo permanente gera um estado de “efervescência coletiva”, uma reminiscência completa da excitação frenética das grandes celebrações totêmicas aborígenes,<sup>88</sup> que tem por efeito facilitar a assimilação dos gestos e que contribui para derrubar as inibições, para “relaxar” o corpo e para fustigar as energias. O fato de que *sejamos vistos* o tempo todo e por todos os outros também força a que caprichemos, por medo do ridículo, como se pode perceber nessa anotação datada de 26 de setembro de 1988.

Hoje foi uma loucura, nunca vira tantos boxeadores no *gym*: começamos com quinze e acabamos com trinta e cinco, um verdadeiro zoológico! É impressionante ver todo mundo se exercitar com tamanho afinco. DeeDee grita seu “*Time! Work!*” com

uma voz forte, acentuando particularmente o “*work!*”; ao contrário, sua voz cai e morre quando grita “*Time out!*” Digo bom-dia a uns e outros. Os meninos sucedem-se ininterruptamente no ringue, para vigorosos *rounds* de *sparring*. Uma verdadeira engenhoca de boxeadores invade, em ondas, a sala dos fundos, paramentam-se, besuntam o rosto com vaselina, enfiam as luvas, fecham-nas com fita adesiva, saltitam nervosamente no mesmo lugar ou retiram o capacete e a coquilha antes de ir para a frente do espelho, para prosseguir no seu treinamento. [...]

Estou cansado, mas faz um bem imenso trabalhar assim, em uníssono, em uma tal tempestade de golpes, de assopros, de esquivas, saltos, esforços de todos os tipos, nesse alegre ambiente de algazarra física. Depois de um momento, *fica-se como em um estado de semiconsciência, como que levado pela cadência coletiva dos exercícios e pelo barulho ensurdecedor* (sobretudo, quando Smithie está no saco de areia e Ratliff na pêra de velocidade: parecem tiros de bazucas misturados com saraivadas de metralhadoras). Entusiasmados de se agitarem ao mesmo tempo que os outros, todos entregam-se ao treinamento. “*Time in, work!*” Três minutos de pauleira. “*Time out!*” Todo mundo imobiliza-se ao mesmo tempo. Os meninos aproveitam para trocar algumas palavras, muitas vezes, breves observações, porque antes de mais nada é preciso retomar o fôlego, e os trinta segundos de repouso não deixam tempo para uma conversa. Ou então, eles bebem em silêncio, no esguicho coletivo que fica perto da mesa, próximo ao ringue, antes de cuspir a água no balde. “*Time, work-work-work!*” E recomeçamos com mais vontade!

A coordenação temporal dos exercícios faz com que todo boxeador tenha permanentemente sob os olhos um repertório completo de modelos em que se inspirar. O saber pugilístico é transmitido, assim, por mimetismo e contramimetismo, olhando como os outros fazem, observando seus gestos, espiando suas respostas às instruções de DeeDee, copiando sua rotina, imitando-os mais ou menos conscientemente, isto é, sem a intervenção explícita do treinador. Ao longo das sessões, aprende-se, assim, do modo tácito documentado por Michael Polanyi,<sup>89</sup> a determinar os modelos potenciais, situando-se em seu nível na hierarquia sutil, a um só tempo fluida e precisa, imperceptível para o não-iniciado, que estrutura o espaço do *gym*. Se a prática efetiva, em situação, é,

aqui, a passagem obrigatória (*methodos*) para a compreensão dessa “arte social” que é o pugilismo, é porque somente ela permite encaixar a solicitação mútua que se dirige um corpo e um campo que se interrogam e provocam um ao outro. É só a partir do momento em que o *habitus* do aprendiz de boxe sabe “reconhecer” os estímulos e os apelos do *gym* que a aprendizagem torna-se plena. Cada gesto, cada posição do corpo do pugilista possui, com efeito, uma infinidade de propriedades específicas, ínfimas e invisíveis para aquele que não tem as categorias de percepção e de apreciação apropriadas, e que os conselhos de DeeDee só fazem veicular.<sup>(42)</sup> Há um “olho de boxeador” que não se pode adquirir sem um mínimo de prática efetiva do esporte, e que, por sua vez, a torna significativa e compreensiva.

O treino ensina os movimentos – o que é mais evidente –, mas ele inculca também, de maneira prática, os esquemas que permitem melhor diferenciá-los, avaliá-los, e, portanto, ao final, reproduzi-los. Ele põe em ação uma *dialética do corporal e do visual*: para compreender o que se deve fazer, olha-se os outros boxearem, mas só se vê verdadeiramente o que eles fazem quando isso já foi um pouco compreendido com os olhos, isto é, com o corpo. Cada novo gesto assim compreendido torna-se, por sua vez, o suporte, o material, o instrumento que torna possível a descoberta, e depois a assimilação, de um outro gesto.

#### UMA APRENDIZAGEM VISUAL E MIMÉTICA

Ajusto minhas luvas vermelhas de treinamento e subo no ringue. Primeiro, fico sozinho, e é um pouco intimidante boxear diante de todos os veteranos e do *matchmaker* Jack Cowen, que me observam, do pé do ringue. Esmero-me por lançar bem meu jabe, para redobrá-lo, encadear meus ganchos de esquerda lá de trás, mantendo meus apoios e girando o tronco corretamente.

<sup>(42)</sup> As observações de Howard Becker sobre a fotografia aplicam-se muito bem aqui: assim como cumpre saber decifrar uma chapa segundo um código específico, de modo a fazer ressaltar toda informação sociológica que ela contém,<sup>90</sup> o pugilista iniciante não consegue retirar todas as vantagens dos “conselhos visuais” que ele recebe de seus pares enquanto não sabe decifrar todas as mensagens emitidas à sua volta.



Eddie (de costas) supervisiona Lorenzo e Little Keith (que se aquece em *shadow* no solo, diante do espelho, enquanto espera o *sparring*); Jimmy e Steve (que “atuam” no ringue), e “Boxhead” John na *speedbag*.

No último *round*, Smithie (jaqueta e calções azuis, mãos bandadas de vermelho, bandana branca na testa) sobe no ringue, e eu posso observá-lo de perto e imitar seus movimentos. Ele parece uma máquina de boxear: o tronco ligeiramente inclinado para a frente, as mãos dispostas em leque diante do rosto, seus gestos são curtos, precisos, contidos, quase mecânicos de tão bem coordenados. Ele está brilhando de suor e exhibe uma fisionomia séria, a ponto de parecer contraída; cada gesto retira dele uma careta homérica. Sigo-o como se ele fosse um modelo vivo: quando ele redobra o jabe, eu redobro também; quando ele flexiona as pernas para lançar uma série de *uppercuts* breves, passando debaixo da guarda de seu oponente imaginário, faço a mesma coisa. É bárbaro, isso faz com que eu capriche. E eis que Cliff passa também por entre as cordas e vem juntar-se a nós no ringue. Adoro seu jabe curto e baixo e tento imitá-lo. Sigo-o de perto e boxeio como ele (em todo caso, eu tento). “*Time out!*” Bufamos. Rodney, por sua vez, sobe ao ringue. De repente, decido continuar. Com uma voz rouca, DeeDee lança um “*Time work!*” enérgico. Divirto-me no ringue, estimulado por estar entre Smithie, Cliff e Rodney. Durante três minutos, nossos quatro corpos desenhavam um ruidoso balé espontâneo: chiando, bufando, suando, rangendo, gritando, socando o ar com os punhos, esgrimimos sem

repouso. Isso duplica minha energia e fico dois *rounds* mais do que o previsto. Sinto que meus golpes saem melhores e aplico-me para atingir meu alvo fictício com cada um deles. Rodney finge lutar a distância com Smithie; eles movimentam-se para simular ataques, esquivas e contra-ataques vívidos. Eu supero-me, encadeando jabs aperfeiçoados, seguidos por direitas e *uppercuts* antes de recuar, sempre lançando séries de ganchos e diretos e bloqueando os golpes de meu “adversário mental”. Ufa! Não agüento mais, saio do ringue aos pedaços, mas fui como que transportado pela presença de meus companheiros. [Notas de 30 de maio de 1989.]

Enfaixo as mãos e venho postar-me entre Mark e Curtis, diante do espelho pequeno, para três séries. É empolgante jogar *shadow* ao lado do campeão de Illinois. Acompanho-o com o canto do olho e tento imitar todos os seus gestos: ganchos e jabs curtos, movimentos nervosos, rápidos, secos, com um “giro” de ombros, movimentos laterais ágeis e precisos. Imito-o da melhor forma possível e tenho a franca sensação de ser um verdadeiro boxeador, no entusiasmo do momento. À minha esquerda, Smithie mostra a Ashante uma esquiva que este aparentemente não tem em seu jogo – como sempre, temos alguma coisa a aprender. [Notas de 24 de junho de 1989.]

Enfim, o ensino do boxe é uma empreitada coletiva, no sentido de que o treinador é assistido, em suas funções, por todos os membros do clube. De início, pelos boxeadores profissionais mais experimentados, que colaboram de maneira informal, mas ativa, na formação dos noviços, assim como pelos outros treinadores ou pelos veteranos que vêm de vez em quando passar uma tarde na academia. (A intervenção deles é aceita, desde que se dirijam aos boxistas amadores; no caso dos profissionais, apenas o *trainer* ao qual o boxeador está ligado por contrato está habilitado, junto com DeeDee, a supervisionar o treino.) Desde que tenha demonstrado seriedade, por sua assiduidade, abnegação e coragem entre as cordas, todo “novato” é cuidado pelo grupo; seus progressos provêm, então, de uma responsabilidade coletiva difusa. Durante minha iniciação, recebo conselhos dos principais frequentadores do clube, que, um de cada vez, tomam a iniciativa de me corrigir, de me encorajar, um deles retificando a posição de minha perna



Reggie demonstra o gesto de *uppercut* a um novo recruta atento.

de apoio, o outro, o ângulo do meu *uppercut*, enquanto um terceiro indica-me como bloquear os golpes de meu adversário movendo os cotovelos e iniciando-me nos segredos da esquiva. Ashante, Smithie, Big Earl, Anthony e Eddie, cada um deles ensina-me uma faceta do ofício, seja por conta própria, seja em combinação com DeeDee, substituindo-o ou complementando suas indicações. Depois de um ano de treinamento regular, DeeDee pediria que, por minha vez, eu mostrasse os rudimentos de jogo de pernas no ringue e a utilização da pêra de velocidade a um novo recruta, vindo, como eu, da Universidade de Chicago.

Cada membro do clube passa para aqueles que estão abaixo dele na hierarquia objetiva e subjetiva do *gym* o saber que recebeu daqueles que estão situados mais acima. Os boxeadores de forças equivalentes também compartilham sua experiência e ensinam-se mutuamente técnicas e truques. Mesmo os maus boxeadores têm a virtude de servir aos outros como modelos negativos: à maneira de crimes contra a “consciência pugilística coletiva”, funcionam igualmente como lembretes vivos da norma prática que se deve esperar e que cumpre respeitar. Tal organização não é

própria à academia de Woodlawn, porque o salão que pertence a Mickey Rosario, em East Harlem, opera segundo um mesmo esquema coletivo e graduado, que Plummer caracteriza com essa analogia: “O *gym* funciona como uma família na qual os filhos maiores ou mais experientes cuidam de seus irmãos e irmãs menores, menos aguerridos ou menos capazes. O saber técnico transmite-se como as roupas vão passando, em uma família numerosa, descendo na escala das idades. Cada menino é o guardião do *savoir-faire* do mais velho, que o confiou a ele, e esse saber, em contrapartida, deve ser transmitido ao mais novo”.<sup>91</sup> Eis, por exemplo, como, em um belo dia de maio de 1989, DeeDee e Anthony aliaram-se para ensinar-me como se bloqueia o jabe do adversário:

Primeiro, fiz cinco *rounds* diante do espelho. Tento mexer bem a cabeça da direita para a esquerda, entre um golpe e outro. Lá da sala dos fundos, DeeDee diz para eu virar meu punho direito para dentro, para segurar o punho de meu oponente, tudo ao mesmo tempo. “Faz um movimento que nem uma tigela [*make a cup*], faz uma volta com a mão para agarrar a luva, Louie... Mantenha seu cotovelo contra a parte lateral do corpo, seu cotovelo não deve se mexer, é só a mão que se mexe... Mantenha a mão direita no ar e faz uma volta com ela, tua cabeça vai pro lado direito.” Não compreendo bem o que ele está gritando para mim e vou até a sala dos fundos. DeeDee mostra-me como fazer meu punho girar, abrindo a palma para o lado de dentro e encurvando os dedos de modo a formar um ninho no qual recolher o jabe do adversário. “É fácil, é como o abecedário [*it's like A, B, C*]. Você somente gira o punho para fora, curva os dedos e agarra a luva, mas teu cotovelo não se mexe. É fácil, Louie, é nada [*ain't nuthin' to it*], olha só.” Éééé, é fácil para quem sabe fazer.

Capricho para repetir o gesto que DeeDee me mostra, mas sem conseguir, de fato, realizá-lo. Meu cotovelo continua levantando, contra a minha vontade. “Não mexe o teu cotovelo, Louie, o que é que eu falei pra você? Você vê o carinho na tua frente, você diz a ele: ‘Você quer mandar seu jabe, meu camarada? Ok, manda brasa!’ E aí você bloqueia ele com a mão direita, e, depois, vuum! Gancho no corpo, assim.” [Ele dá essa demonstração

sentado em sua poltrona.] “Não é fácil, DeeDee.” “Mas claro que é fácil, droga, é como recitar o ABC, já te falei isso.”

Decididamente, toda vez que se acredita ter dominado um gesto, percebe-se que não foi nada disso o que aconteceu, que é tudo mais complicado. Eu achava que sabia como esquivar a cabeça e bloquear os jabs, mas nada disso. Não é tanto a cabeça que se desloca, mas a mão, que segura o punho do adversário, vindo interromper sua trajetória; a cabeça, ela só faz é girar no eixo por trás do ninho protetor formado pelo punho. Anthony interrompe-me, durante a tentativa seguinte, para me mostrar como agarrar seu punho. É vergonhoso ter de ouvir novamente a explicação desse movimento aparentemente tão simples, mas que, na verdade, não tem nada de simples: o pulso gira, a mão forma um ninho, o cotovelo imóvel, depois o peso do corpo é transferido para a esquerda, para contra-atacar com um jabe ou com um gancho de esquerda. Anthony imita um jabe que ele me faz aparar com a mão direita, depois ele teleguia meu outro braço para executar o contragolpe de esquerda. Meu punho esquerdo passa muito baixo e encontra minha outra mão. Ele mostra-me tudo de novo, uma, duas vezes. DeeDee também continua a me dar conselhos lá de sua poltrona. Acho que começo a perceber melhor a mecânica, mas é difícil passar da compreensão mental à realização física.

Recomeço meu *round* assim que Anthony se afasta. Em vez de tentar, logo em seguida, refazer os movimentos que ele me mostrou, início encadeando diretos e jabs, para deixar passar o nervosismo. DeeDee passeia pela sala, passando de um em um os outros rapazes, quando não está falando ao telefone. Quando passa perto de mim, ele corrige meu jogo de pernas. “Teus joelhos devem sempre ficar 10% flexionados. Não gira essa bomba desse pé direito, basta levantar ele”. Tanta atenção honra-me e intimida-me ao mesmo tempo. Mas, mesmo assim, é superlegal, fico feliz. [Notas de 17 de maio de 1989.]

Essa forma particular de *learning by doing* coletiva pressupõe certas condições. De início, condições de número: de acordo com minha experiência, é preciso que não haja nem muita nem pouca gente. Além de cerca de vinte pugilistas, há uma tendência a desaparecer na massa, e torna-se difícil atrair a atenção de DeeDee ou os conselhos de seus pares. Em contrapartida, se há menos de

quatro ou cinco, o efeito de “efervescência coletiva” anula-se, e dispõe-se de muitos poucos modelos atuando, ou os modelos ficam muito longe para serem fisgados – quando isso acontece, no final do dia, e com a ajuda do cansaço, pode ocorrer, por vezes, que DeeDee se desinteresse momentaneamente do treinamento, a ponto de se esquecer de gritar o “*Time!*” A segunda condição é que o volume de capital pugilístico coletivamente detido pelos membros do clube (aí incluída a forma objetivada, uma vez que não se pode omitir de computar, no número de instrumentos pedagógicos do ginásio, todos os equipamentos, roupas, móveis, pôsteres e cartazes, títulos, copas, fotos etc.) ultrapasse um limite mínimo, mas também que a distribuição das competências seja suficientemente contínua para que ninguém se ache a uma distância muito grande de seus vizinhos imediatos na hierarquia específica (o que vale igualmente para o *sparring*, em que um boxeador que não disponha de parceiros adequados na academia pode se ver obrigado a trazer um de fora, por vezes mediante remuneração). A terceira condição é um núcleo estável de boxistas profissionais (que inúmeros *gyms* têm um grande trabalho para fixar) que dê ao ensino mútuo sua continuidade no tempo, contrabalançando fluxo e refluxo de novinhos.

É preciso, portanto, evitar o erro que consistiria em focalizar a atenção sobre o treinador, porque, nesse aspecto, à semelhança do rei da sociedade de corte dissecada por Norbert Elias,<sup>92</sup> é somente por meio e graças à rede completa das relações que constituem o espaço das trocas (físicas, sonoras e visuais) – que é a academia do Woodlawn Boys Club – que DeeDee exerce sua eficácia própria. No interior desse dispositivo espaço-temporal, ele funciona à maneira de um *chefe de orquestra implícito*, passeando entre seus alunos e corrigindo seus gestos por meio de pequenos toques, seja em voz alta, por reflexões de ordem geral – que, como não visam a ninguém em particular, recebem a atenção imediata de todos –, seja por observações pontuais (“Mantenha a guarda mais alta”; “Gire bem o pulso para dentro, ao impacto”; “Mande uma direita no rosto em vez de ficar com o braço balançando”) que cada boxeador tem o cuidado de interpretar por conta própria, mesmo quando elas dirigem-se aos outros, seja, enfim, por sua presença atenta, que é suficiente, na maioria das vezes, para

provocar uma autocorreção espontânea dos movimentos do pugilista que se sabe observado por ele. Essa pedagogia negativa e silenciosa, que pouco se utiliza das palavras e das ações visíveis, pretende, em primeiro lugar, assegurar que cada um respeite o andamento comum e permaneça no lugar que lhe cabe no dispositivo coletivo. A todo momento, opera-se uma *correção mútua pelo grupo*, que propaga e multiplica os efeitos da menor das ações do treinador.

A adesão dóxica a esse modo tradicional de transmissão exprime e perpetua um “sentido de honra” pugilística fundado sobre o respeito à herança recebida e sobre a idéia, aceita por todos como condição tácita da admissão no universo específico, de que cada qual deve pagar com sua pessoa, que não deve tentar abreviar, não deve trapacear com o corpo e com o esporte, buscando inovar com métodos heterodoxos. A recusa da racionalização do treinamento e da explicitação da aprendizagem ancora-se em *disposições éticas*, cuja interiorização é a face oculta da aprendizagem da técnica gestual: uma moral do trabalho individual, do respeito mútuo, da coragem física e da humildade, nutrida pela “crença no caráter sagrado das regras que sempre existiram”, como diz Max Weber.<sup>93</sup> Essa recusa não se deve simplesmente à penúria, bastante real, de meios materiais do clube. Prova disso são os equipamentos inusitados, tais como o aparelho de remar, os halteres ou a prancha inclinável para abdominais que jazem em um canto empoeirado da sala dos fundos. O uso que o *gym* faz da técnica do vídeo é sintomático dessa recusa deliberada dos meios tecnológicos avançados e da relação “cultura” com o boxe que elas veiculam: quando DeeDee pega emprestado o aparelho de vídeo da creche vizinha para assistir aos combates dos membros do clube que estão gravados em fita, é somente por desejo de se divertir, para animar a rotina do treinamento, *mas nunca com uma intenção pedagógica*. É claro que se pode ver o mesmo combate várias vezes e que ninguém se priva de comentar os momentos mais marcantes; mas não passaria pela cabeça de ninguém a idéia de voltar a fita e assistir à mesma passagem várias vezes seguidas ou em câmera lenta, nem de decupar as fases da ação em segmentos visuais distintos, com a finalidade de analisá-los.

Outro sintoma dessa recusa da racionalização, sob cujo título

pode-se igualmente incluir o fato de que os exercícios e as dietas alimentares que os boxeadores seguem não são objeto de qualquer tipo de cálculo ou planejamento metódicos:<sup>(43)</sup> o desinteresse total dos membros do Boys Club com relação a seu futuro oponente, depois da aprovação de um contrato de combate. Essa indiferença, tanto do lado dos boxeadores profissionais (“Isso não tem importância, não estou nem aí, eu devo combater o meu combate”) quanto dos treinadores (que, uma vez feito o contrato, não se dão ao menor trabalho de conhecer o adversário de seu pupilo, para saber de antemão qual o estilo dele, sua estratégia preferida, seus trunfos e suas fraquezas),<sup>(44)</sup> parece, à primeira vista, contradizer o *ethos* da preparação ótima e minuciosa que, incessantemente reafirmada, impregna a atmosfera da academia. Sem dúvida, essa recusa das técnicas modernas de observação e de treinamento está ligada à indivisibilidade relativa das funções de suporte e à tarefa de inculcar, no espaço pugilístico: lá onde outros esportes deram nascimento a complexas burocracias compostas de uma multiplicidade de funções ultra-especializadas, o boxe continua a operar com a tríade artesanal treinador-assistente-empresário – e pode acontecer que a mesma pessoa assuma as três funções. De modo mais profundo, é um princípio ético, uma outra relação com o corpo e com o esporte que assim se afirma, e talvez mesmo uma outra era do boxe que sobrevive.<sup>(45)</sup>

<sup>(43)</sup> Nenhum treinador ou boxeador de Woodlawn tem qualquer registro escrito no qual ele anote a seqüência das sessões de treinamento, a alimentação, a duração e a quilometragem das corridas de treino, ou mesmo o peso, tal como é recomendado, por exemplo, pelo método de boxe Jean-Claude Bouttier e Jean Letessier.<sup>94</sup>

<sup>(44)</sup> Assim se faz nos esportes mais racionalizados e burocratizados, como o basquete ou o futebol americano, em que os técnicos são secundados por uma miríade de assistentes especializados que assistem a fitas de jogos das equipes adversárias, colecionam quilômetros de estatísticas detalhadas sobre cada um dos jogadores e sobre suas tendências e vão “espioná-los” durante os treinos etc.<sup>95</sup>

<sup>(45)</sup> Se um adversário de um de seus boxeadores promete levantar problemas particulares (por ser canhoto e boxear com uma “guarda inversa”, por exemplo), Eddie utiliza, às vezes, o vídeo para assistir a seus combates antes, se existirem fitas, e pode mesmo (mas é excepcional) deslocar-se para

É claro que seria totalmente fútil tentar distinguir o que, no saber adquirido pelo aprendiz de boxe, vem das intervenções deliberadas de DeeDee do que vem da influência dos pares ou de esforços e “talentos” pessoais.<sup>(46)</sup> Porque a energia motriz dessa *máquina pedagógica auto-regulada* que constitui o *gym* não reside nem na imitação mecânica de um gesto, nem na soma de exercícios incansavelmente repetidos por todos, e menos ainda no “saber-poder” de algum agente (no caso, o treinador) situado no ponto nevrálgico do edifício, mas, antes, no sistema indiviso das relações materiais e simbólicas que se estabelecem entre os diferentes participantes, e principalmente na disposição de seus corpos no espaço físico da academia e em seu tempo específico. Em uma palavra, é o “pequeno ambiente” do *gym* como um todo, “como feixe de forças físicas e morais”,<sup>97</sup> que fabrica o boxeador.

### Administrar seu capital-corpo

Existem poucas práticas nas quais a expressão “pagar com sua própria pessoa” assuma sentido mais forte do que no boxe. Mais do que qualquer outro esporte, o desenvolvimento bem-sucedido de uma carreira, sobretudo profissional, supõe uma gestão rigorosa do corpo, uma conservação meticulosa de cada uma de suas partes (muito especialmente as mãos, mas também o rosto),<sup>(47)</sup> uma atenção contínua, no ringue e fora dele, para o bom

observá-lo no ringue. O que tende a confirmar a hipótese da ascensão de um novo modo de preparação, mais “moderno”, no interior do Woodlawn Boys Club. O que se sabe da preparação dos campeões por meio das autobiografias e da imprensa especializada não permite decifrar, em um sentido ou outro, a questão da racionalização do treinamento pugilístico: os mesmos que adotam as técnicas científicas, dietéticas e médicas mais avançadas estão prontos a voltar aos veneráveis métodos estabelecidos pela tradição, depois de uma derrota (mas não vice-versa).

<sup>(46)</sup> Se é que se pode dar algum sentido à noção indígena de “talento”, depois da crítica radical que dela fez Daniel Chambliss.<sup>96</sup>

<sup>(47)</sup> São as duas partes do corpo de um pugilista expostas às penas mais severas: fraturas das mãos (metacarpo, polegar, articulações), do nariz e do maxilar, cortes cutâneos, descolamento da retina, lesões cerebrais crônicas que podem levar à *dementia pugilística*, hematomas de repetição nos ouvidos que produzem descolamento do pavilhão.<sup>98</sup>